

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

VITOR HUGO DE OLIVEIRA

ARACY DE ALMEIDA:
SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940

UBERLÂNDIA

2018

VITOR HUGO DE OLIVEIRA

**ARACY DE ALMEIDA:
SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940**

Relatório de pesquisa apresentado à Faculdade de Educação, no Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de concentração: Tecnologia e Interfaces da Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Discini de Campos.

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48a
2018 Oliveira, Vitor Hugo de, 1964-
 Aracy de Almeida [recurso eletrônico] : samba e malandragem no
 Brasil dos anos 1930 e 1940 / Vitor Hugo de Oliveira. - 2018.

Orientadora: Raquel Discini de Campos.
Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.

Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.604>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Samba – Rio de Janeiro - 1930 - 1940. 3. Almeida,
Aracy de, 1914-1988. 4. Rosa, Noel, 1910-1937. 5. Cantoras – Rádio –
1930 - 1940. I. Campos, Raquel Discini de, (Orient.) II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias,
Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

Vitor Hugo de Oliveira

Aracy de Almeida: samba e malandragem no Brasil dos anos 1930 e 1940

Relatório de pesquisa apresentado à Faculdade de Educação, no Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de concentração: Tecnologia e Interfaces da Comunicação.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Discini de Campos

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos

Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo

Dedico com amor às três Marias que me ensinaram a resiliência: Marianna, Morena e Flor. E dedico com saudade a Maria Aparecida Silva de Oliveira (in memoriam), que vive para sempre dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me oportunizar, 29 anos depois, outra incursão pelo mundo do saber servindo de exemplo às minhas filhas e sobrinhos. Foi preciso força de vontade, confiança e muitas orações, na quebra de paradigmas e enfrentamento com os fantasmas da autoestima.

Aos familiares pela paciência, compreensão e incentivo. Agradeço também à minha orientadora Prof^a. Raquel Discini de Campos, pela dedicação, conhecimentos e segurança passados. Ela me acompanhou, página a página, pelas biroscas do Rio de Janeiro ao lado de Aracy de Almeida e atentou meu olhar, ainda mais, para a riqueza desta personagem. Aos professores Anna Cristina Spannemberg e Raphael Duarte Oliveira Venâncio por me fazerem acreditar que era possível. Obrigado ainda à Prof^a. Mirna Tonnus e aos integrantes da banca de qualificação, professores Adalberto de Paula Paranhos e Marcelo Mahl, pelas observações e diretrizes traçadas. Gostaria de lembrar a boa vontade da Prof^a. Maria Clara Machado e do Prof. Newton D'ângelo, ambos do CDHIS, em me esclarecer dúvidas e motivar rumo ao objetivo de conhecer mais e melhor o samba.

Obrigado a todos os colegas do mestrado, companheiros de jornada. Quero levá-los comigo para sempre. E à Luciana Santos, nossa prestativa secretária do PPGCE.

Finalmente agradeço aos companheiros de vida, que de alguma forma contribuíram para esta conclusão. E saibam, foram muitos: alguns nem sonham (com sua importância) e outros, quase nada sabem sobre Aracy.

Araca era uma espécie de precursora natural dos grandes transgressores que ditavam mudanças comportamentais, que alteravam a simetria do universo.

Hermínio Bello de Carvalho

RESUMO

Produção de um radiodocumentário sobre a vida de Aracy de Almeida, cantora de samba consagrada nas décadas de 1930 e 1940. Aracy foi a mais velha, e única mulher, de quatro irmãos, na família do senhor Baltazar e de dona Hermogênea. No bairro do Encantado iniciou por cantar hinos religiosos nos cultos protestantes que frequentavam aos domingos. Depois, quando conheceu Noel Rosa, começou a se apresentar no rádio. Quando moça, jogou sinuca, falou palavrão e acompanhou Noel em andanças pelos cantos por onde gostava de circular, inclusive pelo Mangue. Talentosa com sua voz anasalada, cantava nas melhores boites e piores biroscas do Rio de Janeiro. A intérprete é citada entre as cantoras do rádio embora fosse companhia constante da malandragem e das famosas rodas de samba do bairro da Lapa. Amiga de intelectuais, Aracy viveu, nas décadas de 1930 e 1940, uma vida incomum para grande parte das mulheres daquela época que, via de regra, estavam relegadas aos afazeres domésticos, dedicadas à família e subjugadas pelo aparelho estatal. A artista na década de 1950 se desenquadrou da grande intérprete que fora e ressurgiu, já na era da televisão, como jurada de programa de calouros, ostentando uma imagem caricata, que nem de longe lembrava o passado glorioso que vivera.

Palavras-chave: Aracy de Almeida. Noel Rosa. Cantoras do Rádio. Malandragem. Radiodocumentário.

ABSTRACT

Production of a radio documentary on the life of Aracy de Almeida, a samba singer consecrated in the 1930s and 1940s. Aracy was the eldest, and only woman, of four brothers, in the family of Mr. Baltazar and Dona Hermogênea. In the neighborhood of the Encantado began by singing religious hymns in the protestant cults that frequented on Sundays. Later, when he met Noel Rosa, he started performing on the radio. As a young woman, he played pool, cursed, and accompanied Noel in wandering around the corners where he liked to circulate, including the Mangue. Talented with her nasal voice, she sang in the best nightclubs and worst birocks in Rio de Janeiro. The interpreter is mentioned among the female singers of the radio although she was a constant companion of the malandragem and the famous samba wheels of the neighborhood of Lapa. As a friend of intellectuals, Aracy lived in the 1930s and 1940s an unusual life for most of the women of that time who were, as a rule, relegated to household chores, dedicated to the family and subdued by the state apparatus. The artist in the 1950s disintegrated from the great interpreter who had been and resurfaced, already in the television age, as a jury of freshmen program, displaying a caricature image, which did not even remember the glorious past that had lived.

Keywords: Aracy de Almeida. Noel Rosa. Radio singers. "Maladragem". Radiodocumentary.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
1.1	Memorial acadêmico	10
1.2	Introdução	12
2	ARACY DE ALMEIDA: TEMPO E ESPAÇO	15
2.1	Aracy de Almeida	15
2.2	Cantoras do rádio	24
2.3	Radiodocumentário	27
2.3.1	<i>Roteiro do radiodocumentário</i>	28
2.3.2	<i>Estrutura do radiodocumentário</i>	30
3	PROCEDIMENTOS DE DESENVOLVIMENTO	33
3.1	Procedimentos realizados	33
3.1.1	<i>Pesquisa documental</i>	33
3.1.2.1	Similares temáticos	48
3.1.2.2	Similares de suporte	52
3.2	Pré produção Procedimentos	55
3.2.1	<i>Pesquisa sonora</i>	55
3.2.2	<i>Produção do radiodocumentário</i>	55
4	EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE	57
4.1	Orçamento do radiodocumentário	57
4.2	Divulgação e distribuição	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTÁRIO	68
	APÊNDICE B – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTÁRIO	75

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Memorial acadêmico

Nasci em Uberlândia, em 1964. Tornei-me músico aos cinco anos. Na adolescência tocava na noite. Fui aprovado, em 1984, para o curso de direito da Universidade Federal de Uberlândia. O rádio veio em 1987. Por ser músico fui convidado a participar dos testes de locução da Rádio Universitária. Me apaixonei pela profissão e tornei-me radialista

Já nos primeiros projetos me vi seduzido pelas possibilidades que uma rádio educativa apresentava. Uma iniciativa transformou minha vida: a produção do programa *Roda de Samba*. No início era uma programação musical que segmentou o horário de sábado após o almoço. Como dispúnhamos de um acervo limitado (uns cinquenta discos de vinil), iniciei por programar faixas que fugissem ao ordinário. Optei pelos sambas, que já eram poucos, dentro de uma reduzida discoteca. Com as aquisições de novos discos voltamos à programação de MPB, o que foi de pronto rejeitado pelo público ouvinte. Havíamos fidelizado uma audiência, encontrado um nicho que, naquele momento precisava de um veículo de comunicação para amplificar sua voz.

O programa continua no ar até hoje, com 31 anos de história ininterrupta nas tardes de sábado. Tem como grande trunfo o lançamento do grupo *Só Pra Contrariar*¹, que foi formado com a finalidade de se apresentar nos espaços que a *Roda de Samba* abria para o som “ao vivo” dos músicos da cidade.

Como bacharel em direito prestei concursos públicos para a Magistratura e Ministério Público. Entretanto, sentia-me cada vez mais absorvido pelas questões inerentes à comunicação. No programa *Roda de Samba*, exercia o papel de educador, ora contando um fato histórico, ora exaltando alguma figura referencial da etnia negra, lembrando datas de festejos importantes, heróis da abolição etc.

¹ O grupo *Só Pra Contrariar* é uma das grandes expressões da Música Brasileira e está entre os grandes vendedores de discos na história do país. Cantando sambas, o conjunto teve como incentivo inicial o espaço “ao vivo”, aberto pelo Programa Roda de Samba, que ia ao ar nas tardes de sábado, pela Rádio Universitária de Uberlândia, conforme depoimentos de Alexandre Pires, para vários programas televisivos como: o Domingão do Faustão, A Hora do Faro, Domingo Legal, Estrelas etc.

Recebi o convite para escrever sobre compositores de samba no jornal O Correio². Assumi a coluna, quinzenalmente, e com ela permaneci até o lamentável encerramento das atividades do referido periódico, em 31 de dezembro de 2016. Foram 19 anos de colaboração.

Voltei ao mundo acadêmico em 2011 quando me especializei pela Faculdade Católica de Uberlândia em “Supervisão Escolar”. Em 2015, resolvi dedicar-me ao Mestrado Profissional da Faculdade de Educação (FACED) e seguindo uma linha coerente de trabalho, optei por pesquisar alguém que representasse o samba, nossa música brasileira por excelência.

Após encontro com minha orientadora, que se dedica à pesquisa das mulheres no Brasil, passei a buscar personagens que me oportunizassem uma "costura" com a chegada do rádio ao país. Este caminho direcionou-me para importantes artistas como: as rainhas do rádio e os conjuntos regionais. Foi então que encontrei Aracy de Almeida, a Dama da Central do Brasil. A personagem tinha uma bela história e um nome a ser explorado. À medida que ia me aprofundando nas histórias dela, mais me apaixonava pela pesquisa e pelos fatos que descobria. Com as primeiras leituras me decidi por Aracy de Almeida: o samba em pessoa (apelido dado por César Ladeira³). Conforme observaremos nas páginas seguintes, a alcunha sintetiza, em partes, a vida e obra de Aracy.

Hoje ocupo a coordenação da Rádio Universitária FM de Uberlândia e como desafio, tenho a montagem e consolidação operacional das Rádios Universitárias do Campus Pontal e Monte Carmelo⁴. As três emissoras são ligadas à Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Jornal pertencente ao Grupo Algar, nas versões impressa e digital, de circulação diária na cidade de Uberlândia, estado de Minas Gerais, fundado em 1938, pelo produtor rural Osório José Junqueira e que, lamentavelmente, sob a alegação da crise nos meios de comunicação, encerrou suas atividades no último dia do ano de 2016.

³ César Rocha Brito Ladeira foi um radialista brasileiro que também era chamado de “A voz da Revolução constitucionalista”, que ocorreu em 1932. Tornou-se um dos grandes ao participar da era de ouro do rádio no Brasil. Foi o idealizador de alguns nomes artísticos que passaram a identificar astros daqueles tempos: assim Francisco Alves era o “Rei da Voz”, Carmem Miranda era a “Pequena Notável”, Carlos Galhardo, “O caboclinho querido” entre outros.

⁴ As Rádios Universitária de Ituiutaba, MG e de Monte Carmelo, MG fazem parte da Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia e já contam com a outorga do Governo Federal para sua plena operação. Encontram-se ambas em fase de realização orçamentária e captação financeira, no sentido de iniciar suas atividades dentro do mais breve espaço de tempo possível.

1.2 Introdução

Este relatório tem como objetivo apresentar a trajetória da cantora Aracy de Almeida, conhecida pelas recentes gerações como a jurada dos programas de calouros. Ela, entretanto, foi uma grande intérprete, contemporânea das “Cantoras do Rádio”. Foi por muitos considerada, a maior intérprete dos sambas de Noel Rosa. Aracy Teles de Almeida nasceu em 1914, no bairro do Encantado, que fica na zona norte do Rio de Janeiro, região do Méier. O bairro é cortado pela estação Central do Brasil, onde seu pai, Baltazar Teles de Almeida foi chefe de trens. Justamente o vai e vem da cantora pela estação famosa da capital fluminense, rendeu-lhe o cognome de “A Dama da Central⁵”.

Nos anos 1950, com shows minguados e afastada das gravadoras, Aracy de Almeida aceitou o convite de Pagano Sobrinho para se tornar jurada de um programa televisivo de calouros. Aos amigos dizia que precisava “quitar seus carnês”. Naquele momento, a música brasileira passava por uma transição, a partir de novos movimentos que se somavam à chegada da televisão. Assim, a Tropicália, Bossa Nova, as tendências americanizadas, o baião e o próprio forró surgiam como novidades enquanto alguns ídolos das décadas anteriores perdiam, paulatinamente, seu espaço.

Muitos lembram de Aracy, quando ela era retratada pelos humoristas (anos 1970 e 1980), devido à sua aparência não convencional. Usava calças e camisas masculinas, cinto e botas, cabelo estilo *Black Power*, óculos escuros que lhe escondiam parte do rosto e utilizava uma linguagem cheia de gírias. Aracy de Almeida popularizou-se sob este estereótipo e tornou-se sinônimo de mulher feia, debochada. A jurada, que nascera tempos depois do desenquadramento da cantora, aparecia para aquela geração dos anos 1970, como uma artista inédita. Um tanto estranha, porém nos padrões do que produziam os programas de auditório daquela época, a tomar-se como exemplo alguns dos amigos, contemporâneos de bancada, como: Pedro de Lara, Elke Maravilha e Wilza Carla. Em tempo, o rádio e a TV, descobriram prematuramente que a ridicularização de certos personagens, na tentativa de alcançar o riso fácil, serviam como receita de sucesso para alguns

⁵ Apesar de vários autores se referirem a Aracy como “A Dama da Central”, encontramos uma única obra que ostenta tal cognome no título. Trata-se do e-book de Carlos Borsali (2016), intitulada *A Dama da Central: biografia oficial de Aracy de Almeida*

espetáculos. Os programas de calouros surgiram no rádio, na década de 1930 e ainda hoje resistem em alguns canais de televisão, mantendo, ordinariamente, a fórmula do escracho como elemento cômico, sistematizando uma caricatura de calouros e jurados.

O humorista Renato Aragão especializou-se nas frases de efeito envolvendo Aracy de Almeida. Assim exclamava ele, ao se mostrar surpreso com certa situação:

– Pelas perucas “D’Aracy D’Ameida”! Ou, ainda, quando pretendia asseverar a falta de beleza de uma pessoa:

– Quem é você? Parente “D’Aracy D’Ameida”?

Há alguns anos, no rádio e na televisão, a postura do respeito às diferenças não havia sido adotada e eram aceitáveis comentários sobre atributos físicos, sexualidade, gênero, religião, etnia etc. As pessoas achavam engraçado e os comediantes aproveitavam em seus textos.

O fato é que a Aracy de Almeida jurada, ao popularizar-se consumiu a “Dama da Central” e ofuscou a história da cantora que brilhou a partir dos anos 1930. Ficou esquecida a intérprete de Noel Rosa, a mulher retratada por Aldemir Martins, esculpida pelo artista plástico Bruno Giorgo, amiga de Di Cavalcanti, Dorival Caymmi e Mário de Andrade, admirada e seguida de perto por Vinícius de Moraes. Ficou nublada a lembrança da mulher de gosto refinado, que ouvia Bach e Ella Fitzgerald. A imagem de jurada parece ter se fortalecido a despeito da sambista de talento que interpretou grandes sucessos por mais de vinte anos.

Ter Aracy de Almeida como objeto de pesquisa é uma oportunidade de conhecer a história desta artista brasileira. Desde a menina suburbana do Rio de Janeiro, até a jurada de auditório que faleceu em 1988. É também uma maneira de compreender os embates de gênero que a garota religiosa teve ao se defrontar com um mundo artístico dominado por estruturas desiguais, sendo pouco propício às manifestações femininas de comando. É perseguir estas transições sociais e apresentar aos interessados, quem foi Aracy de Almeida: cantora consagrada durante a primeira metade do século, sem a nuvem que ocultou sua história inicial a partir da entrada para os programas de auditório, na televisão.

Com estas questões, produzimos dois radiodocumentários, sendo um completo e outro apenas textualizado. Neles, apresentamos diversas etapas da vida de nossa personagem enfatizando aspectos ligados ao gênero e ao samba.

Destacamos ainda traços marcantes de sua personalidade e passagens interessantes ao lado de artistas consagrados que fizeram parte do seu convívio.

Cada programa conta com aproximadamente 25 minutos. A produção foi ilustrada com os instrumentos da radiofonia dos anos 1930 até 1950: utilização de *backgrounds* (BG⁶) e locuções características etc. Exploramos um formato narrativo com interpretações musicais da nossa personagem e também por respostas (*offs*⁷) concedidas nas diversas entrevistas para o rádio e televisão. Tecnicamente, esgotamos, dentro do possível, os recursos disponíveis para alcançar nossos objetivos com o produto.

Este relatório contém quatro capítulos, além desta apresentação. No capítulo 2, discorremos sobre a parte conceitual situando a personagem no tempo e espaço em que viveu e o subdividimos em três seções: **2.1 Aracy de Almeida** – tratando da infância no subúrbio, família, mundo artístico, parceria com vários compositores e os desafios sociais vividos numa época em que a mulher de classe média deveria ser apenas a “dona de casa”. Na seção **2.2**, falaremos das **cantoras do rádio**, a partir da chegada do rádio no Brasil. Na seção **2.3** abordaremos nosso **radiodocumentário**, detalhando sua produção. O Capítulo 3 discorre sobre a pesquisa em si: **procedimentos de desenvolvimento**, onde fazemos um *scalt* das ações realizadas a fim de mapear o estudo do ponto de vista operacional. A partir do subitem 3.1.2 nos dedicamos a **análise de similares** que serve de comparação referencial para o produto. O capítulo 4 está dividido nas seções: **4.1**, que traz o **orçamento** do radiodocumentário e na seção **4.2**, que trata do plano de **divulgação**. Finalmente, temos as **referências**, que são as fontes consultadas e os **Apêndices**, que trazem os roteiros dos radiodocumentários.

⁶ BG (Begê) – do inglês, *Background*, fundo. Música, efeito, sinal ou voz que dá suporte à locução principal, numa transmissão ou gravação. Não pode prejudicar ou interferir na mensagem principal. É, independente do formato, pano de fundo, complemento agregador de qualidades à peça comunicacional.

⁷ *Off* na linguagem da comunicação é a resposta dada para uma entrevista, um texto gravado, comercial ou não, uma narração, em que não se vê a cena. É a voz desprovida da imagem.

2 ARACY DE ALMEIDA: TEMPO E ESPAÇO

2.1 Aracy de Almeida

Agora, a nossa personagem. A infância, o sonho em ser cantora, a parceria com Noel Rosa e a entrada para o rádio, amizades e meios que freqüentava. Abordamos aqui, questões sociais que envolviam a mulher nas décadas de 1930, 1940 e 1950, período em que Aracy de Almeida trilhou seu caminho como cantora. Aliás, foi levada à rádio Educadora Brasileira, pelo violonista Custódio Mesquita⁸, que nesta época fazia parte do elenco contratado daquela emissora.

Para estas abordagens consultamos autores como: João Antônio (1996), que encerra uma de suas obras contando histórias sobre Aracy de Almeida, no livro intitulado *Dama do encantado*. Importante também o livro de Eduardo Logullo (2014), chamado *Aracy de Almeida: não tem tradução* (título de uma das músicas de sucesso de Noel Rosa⁹ interpretada por ela). Neste, o autor revela uma Aracy amante dos poetas simbolistas, apreciadora de música clássica e obcecada pela leitura sobre psiquiatria. Quem a conheceu na intimidade, sabia da sua cultura e de seu amor pelas artes. Importantes também, dois livros do compositor Hermínio Bello de Carvalho: *Taberna da Glória e outras glórias: mil vidas entre os heróis da música brasileira*, organizada por Ruy Castro (2015a) e mais uma biografia, *Araca: Arquiduquesa do Encantado, um perfil de Aracy de Almeida* (CARVALHO, 2004). Nesta última, o autor transcreve uma ótima biografia sobre nossa personagem. Ainda narra, curiosamente, a forma (carinhosa) com que Aracy de Almeida tratava o amigo, escritor Mário de Andrade: “Matusquela”. Também merecem destaque alguns textos de pesquisa acadêmica. O professor de Ciências Sociais da UFU, Adalberto Paranhos foi uma referência nos resultados por nós auferidos. Destacamos seu artigo *Mulheres do lesco-lesco e do balacobaco: relações de gênero e música*

⁸ Custódio Mesquita de Pinheiro, compositor, pianista e maestro brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 10 de abril de 1910. Trabalhou na década de 1930 como contratado das principais emissoras de rádio do Rio de Janeiro. Exerceu o papel de ator de cinema e teve em Mário Lago um de seus principais parceiros de composição.

⁹ Noel de Medeiros Rosa, nascido em 11 de dezembro de 1910, em Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro. Cantor, compositor, bandolinista e violonista é considerado uma das maiores figuras da música brasileira. Após um parto difícil, feito a forceps, Noel, nasceu com o desenvolvimento limitado de sua mandíbula, defeito facial que o marcou por toda vida. Considerava Aracy de Almeida a melhor intérprete para suas canções. Morreu, prematuramente, aos 26 anos, em virtude de uma tuberculose.

popular no tempo do Estado Novo (PARANHOS, 2008). Lembramos ainda a contribuição do estudo de Campos (2009), com seu livro *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920 -1940)*.

De maneira geral, as pesquisas acadêmicas alcançam Aracy de Almeida com a família, amigos, no Zicartola e demais boates em que se apresentava, zona do Mangue, ao lado de Noel, Wilson Batista e outros colegas da boemia. É esta soma de informações que vão dar as respostas que buscamos com nossa pesquisa, sobre as questões de gênero enfrentadas pela menina que conviveu com o domínio masculino do seu tempo e ainda assim, tornou-se uma artista de expressão.

Araci Teles de Almeida foi a mais velha, e única mulher, de quatro irmãos, na família do senhor Baltazar e de dona Hermogênea. Ela mesma tratou de trocar o “i” pelo “y” no prenome, dizendo ser “mais bacana”. No bairro do Encantado iniciou por cantar hinos religiosos nos cultos protestantes que frequentavam aos domingos. Depois, começou a sonhar em se apresentar no rádio. Cantou sem o conhecimento dos pais, no bloco carnavalesco da região do Méier (próximo ao Encantado), *Somos de pouco falar*. A mãe, dava-lhe mais liberdade e até compreendia certos caprichos. O pai exigia que os Almeida estudassem. E sob este aspecto Aracy dizia: “Somente terminei o admissão.” E completava: “Em matéria de colégio eu não era flor que se cheirasse, entende? Era criança problema, mesmo” (LOGULLO, 2014, p. 37).

“Os outros me achavam uma escurinha qualquer”, referência ao livro do escritor João Antônio (1996, p. 110), *Dama do encantado*. O autor, na publicação, remonta frases repletas de gírias da cantora e diz que ela, “quando moça, jogou sinuca, falou palavrão e acompanhou Noel em andanças pelos cantos por onde gostava de circular, inclusive pelo Mangue” (ANTÔNIO, 1996, p. 109), que era onde reinavam a malandragem e a prostituição. Aracy nunca se importou em ter de cantar onde quer que fosse. E dizia abusada que não tinha os ‘chiquês’ de Marília Batista (LOGULLO, 2014, p. 72).

O fato é que nossa Araca virou a vida dos pais de cabeça para baixo. Logullo (2014) relata uma entrevista de Aracy em que ela diz ter levado muita bronca dos Almeida porque eles, devido à religião, não queriam que ela se tornasse cantora. Depois, completa Aracy: “chegava sempre em casa de cara cheia, levando uns dois ou três e para cantar, tive de sair de casa” (LOGULLO, 2014, p. 82). Sob este aspecto, tendo em vista a contrastante vida que levava nossa personagem com os costumes da maioria das mulheres daquela época, recorreremos ao livro de nossa

orientadora nesta pesquisa, Dra. Raquel Discini de Campos, *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920 - 1940)*, onde a escritora em alguns trechos, traça um paralelo entre a submissão feminina da mulher do interior paulista (noroeste do estado) e aquela que vivia nas grandes cidades. Pudemos notar algumas diferenças não extraordinárias, estando elas mais ligadas ao fator geográfico do que propriamente aos costumes. A existência do domínio masculino na esfera pública, era a mesma. A propósito do trabalho feminino fora do ambiente doméstico, Campos afirma que:

Não por acaso, uma das mais importantes proibições ao trabalho feminino estava relacionada aos ofícios noturnos, sempre perigosos segundo a moral da época, já que nos desvãos das esquinas urbanas, no caminho entre a casa e o trabalho, as mulheres estariam muito mais vulneráveis não apenas aos conquistadores de plantão, mas principalmente às tentações de um mundo degenerado, pintado com tintas escuras procedentes dos aspectos sombrios ligados ao alcoolismo e a prostituição (CAUFIELD apud CAMPOS, 2009, pg. 124).

Foi o radialista Renato Murce, empresário de novos talentos e com influência no meio artístico, quem se encarregou de ir à casa de seus pais para convencê-los a deixarem-na cantar no rádio.

O encontro com Noel Rosa, nos corredores da Rádio Educadora do Brasil encurtou os caminhos. Sobre este fato, Hermínio Bello de Carvalho, em entrevista à TVE, conta que ao ver Noel, Aracy “desatou a cantar Carmem Miranda” (que era a grande intérprete brasileira daquele momento). Hermínio diz ainda que, Noel gostou do que ouviu, mas perguntou à jovem cantora: “Não quer aprender uns sambas novos?” (ALMEIDA, 1987a, 1987b).

Fotografia 1: Aracy de Almeida na década de 1930



Fonte: Victória (2018).

A bibliografia sobre Aracy, de maneira geral, insiste em rotular-lhe sob a dependência do Poeta da Vila. Tal rótulo, entretanto, vai se esmaecendo, à medida em que, nos aprofundamos nas relações e histórias vividas por ela, bem como em sua discografia. A própria Dama do Encantado, embora seja a principal divulgadora da importância de Noel em sua carreira, em uma entrevista para a revista Fatos e Fotos, refutou tal idéia de exclusividade ou dependência, citando Ary Barroso, Caymmi, Joel e Gaúcho, Antônio Maria, Valfrido Silva entre outros compositores que permearam sua discografia. A propósito, Aracy gravou *Camisa Amarela* de Ary Barroso e pelo gosto do autor gravaria também o clássico *Aquarela do Brasil*, o que somente não ocorreu por uma negativa do presidente de sua gravadora, que viu na música de Ary, “uma canção de negros”, própria para a gravação dos conjuntos regionais. Aracy de Almeida conta, entre outras, a história de Kid Pepe¹⁰ que, após sua recusa para gravação da música *O que tem laiá*, com a ponta da faca na sua barriga, ameaçou a cantora:

- Vai gravar, ou não?
- Eu gravei, né meu compadre” (ANTÔNIO, 1996, p. 113).

¹⁰ José Gelsomino, conhecido como Kid Pepe, cantor e compositor Ítalo-Brasileiro que se destacou a partir da década de 1930. Figura conhecida entre a malandragem carioca, Kid Pepe tem com um de seus maiores sucessos a música *O orvalho vem caindo*, em parceria com Noel Rosa.

Seu primeiro registro em disco é de 1934, *Em plena folia*, uma música de carnaval de Julieta Oliveira. A partir daí, as marchinhas também faziam parte de sua trajetória. O escritor João Antônio (1996), em *A Dama do encantado*, reforça a ideia de que, nem só de Noel vivia Aracy.

O Poeta da Vila entretanto, não poupava elogios à sua pupila, sempre que invocado pelos veículos de comunicação. Assim, em 4 de janeiro de 1936, declarou para o jornal *A Pátria*: “Aracy de Almeida é, na minha opinião, a pessoa que interpreta com exatidão aquilo que eu produzo.” (CRUVINEL, 2010)

E a vida com a malandragem, o jeito malemolente passou a fazer parte da vida de nossa personagem. A esse respeito, anos mais tarde, Aracy se pronunciaria em um programa de televisão: “No rádio, havia gente que franzia o nariz diante de nós. Éramos tidos como gente que não prestava. Noel não tinha muito cartaz.” (LOGULLO, 2014, p. 66).

Ainda sobre os vários compositores que interpretou, conta-se que os frequentadores do Café Nice, de vez em quando se juntavam e iam visitar um tal Clube da Malha, que ficava no alto do morro da Mangueira. Neste local, havia um galpão, onde as rodas de samba corriam soltas, juntando-se os boêmios e malandros de cima com os de baixo, regados a bebida e animação. Sempre a postos, um rapazinho, empregado daquela birosca, solícito, atendia o grupo no que precisassem: uma cervejinha aqui, um tira-gosto ali e, naquele lugar sabiam que podia-se contar com ele, Valdomiro José da Rocha, cujo apelido era Babaú¹¹. E tanta vocação musical tinha o tal Babaú que um dia, aproveitando-se da presença de todos e da alegria reinante no meio da bebedeira, criou coragem e apresentou ao compositor Ciro de Souza o esboço de um samba de sua autoria. O compositor então acrescentou-lhe uma segunda parte¹² e, logo a canção fazia sucesso no carnaval, interpretada por Aracy de Almeida. A música é *Tenha pena de Mim*, cujo título original era *Ai, ai meu Deus*.

A Dama do Encantado, enquanto gravou, foi alvo de fofocas. Gênio forte, Aracy era atacada e por conseguinte atacava. Tinha uma franqueza ácida e sem

¹¹ Babaú da Mangueira, compositor, nasceu em 1914 no Rio de Janeiro e faleceu em 1993. Foi autor de sucessos como *Tenha pena de Mim*, *Mangueira chegou* e *Raízes brasileiras*. Quando menino, acompanhou a fundação da Mangueira. Depois foi parceiro musical de Cartola.

¹² Ciro de Souza, compositor carioca nascido em 1911 atestou esta história em depoimento para o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro em, 09.08.1984. Além de “*Tenha pena de Mim*” ele é autor de várias canções de sucesso entre as décadas de 1930 e 1940.

meias verdades. Por isso, suas apresentações de *scripts* livres sempre davam muito o que falar.

Na intimidade, teve um relacionamento com o ex goleiro vascaíno no fim dos anos 1930: José Fontana e, bem depois, segundo testemunho do amigo Hermínio Bello de Carvalho, abrigou em sua residência no Encantado, um certo general reformado do exército brasileiro, a quem chamava Heni. Aliás, deste último eram as cuecas samba-canção, que Aracy assumidamente usava e que geraram algum folclore em torno de sua sexualidade. O poeta Torquato Neto, muito tímido, geralmente entre os amigos revelava um lado humorístico ferino. Namorado da baiana Ana Maria Silva, lembra-se do primeiro passeio que fizeram juntos, no final de 1963. Foram assistir ao show de Aracy na inauguração do Teatro União Nacional dos Estudantes. Ao entrarem na sala, Torquato disparou: “Eu quero sentar ali de frente porque me disseram que Aracy usa cueca. Eu tenho de tirar isso a limpo.” (CALLADO, 1997, p. 78).

Para os amigos íntimos não deixava dúvidas, escreve Hermínio Bello de Carvalho em *Araca: arquiduquesa do Encantado: um perfil de Aracy de Almeida*, a cantora “gostava de tudo” [...] “Homem, mulher e qualquer outro bicho que surgir.” (CARVALHO, 2004 apud LOGULLO, 2014, p. 186).

Eduardo Logullo (2014), diz que Aracy de Almeida foi pioneira, em sua época, inserindo-se nas rotas culturais da malandragem. O autor descreve Aracy como uma das primeiras malandras (gênero feminino) do Brasil, sendo nos trejeitos, comportamento, linguagem e até no gole de cachaça, a encarnação da figura caricata carioca do início do século XX. Dizem que, certa vez Dona Martha, mãe de Noel Rosa, após a breve visita de Aracy, espantada, disse: – “Nunca vi uma mulher dizer tanto nome feio.” (CARVALHO, 2014).

Sua voz anasalada e afinação impecável, motivava elogios de compositores e críticos. Numa conferência, no ano de 1943, o amigo Mário de Andrade, exaltava os nasais e pronúncia vocálica da cantora. Dizia a ilustre figura do modernismo que Araca possuía uma “ótima cor de vogais”. (ANDRADE, 2012 apud BELÉM, 2015). Eram tempos em que, a fama não necessariamente caminhava ao lado da realização financeira. Com Aracy não era diferente. A Dama da Central era respeitada no meio artístico, mas continuava, como ela mesma dizia “no miserê”. O primeiro contrato, que também lhe garantiu um salário fixo e, portanto, certas regalias, só veio em 1935 na Rádio Cruzeiro do Sul. A partir daí, Aracy trabalhou na

Rádio Philips, na Cajutí, Mayrink Veiga, Ipanema e Tupi. Em 1937 foi para a Rádio Nacional.

Ela foi uma mulher à frente de seu tempo. Pelos anos 1930, 1940, quando se consagrou como artista, havia um sistema implementado a partir da política estadonovista, no sentido de reprimir as mulheres que buscavam outros espaços, ou pelo menos de torná-las “livres”, desde que dedicadas aos afazeres do lar. Adalberto Paranhos em seu texto *Mulheres do lesco-lesco e do balacobaco: relações de gênero e música popular no tempo do Estado Novo*, explica que a industrialização no século XX, deu fôlego à mulher que tinha a ambição de lutar por seus direitos. O sistema, entretanto, era viciado e os próprios compositores daquele momento, como parte da conjuntura social, refletiam sua cultura de dominação através das músicas, sendo estimulados por “discursos”, práticas e “medidas legais”. A propósito, o próprio Noel Rosa, companheiro musical de Aracy, em certo momento, entra em choque com o modo de vida da amiga, quando compõe a letra de *Você vai se quiser*, que em um de seus versos diz:

Todo cargo masculino
Desde o grande ao pequenino
Hoje em dia é pra mulher
E por causa dos palhaços
Ela esquece que tem braços
Nem cozinhar ela quer (ROSA, 1936).

Na época, o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, defendeu um projeto, “em prol da grandeza do país”, asseverando a necessidade de se aumentar a população brasileira e, ao mesmo tempo, fornecer proteção do estado à família monogâmica e ao casamento indissolúvel. E finaliza o professor Paranhos afirma que: “Para tanto, propunha, entre outras coisas, a “progressiva restrição da admissão das mulheres nos empregos públicos e privados.” (PARANHOS, 2008, p. 2)

Assim, vale dizer que, embora Aracy tenha gravado em 1940, a canção de Noel Rosa chamada *Três apitos*, onde o compositor da Vila reclama pelo tempo da amada dedicado à fábrica onde trabalha, gravou, por outro lado, *Vai trabalhar*, de Ciro de Souza, que expõe o drama de subsistência das lavadeiras. Quanto às duas letras de Noel, sabe-se do perfil avesso a tal submissão adotado pela Dama do Encantado, com base em sua irreverência e postura transgressora. Aracy não era

uma dona-de-casa e não tinha nada a ver com a mulher “do lar” daqueles tempos (LEITE, 2017).

Voltando a *Três apitos*, há que se registrar que tal música foi gravada 14 anos após a morte do Poeta da Vila Isabel, o que pode, para Aracy, ter soado apenas como uma homenagem póstuma ao amigo compositor. Ou ainda que ela, seguindo o costume vigente, não tivesse o hábito de pensar politicamente em suas atitudes. Mas sabemos que agia, mesmo que sem querer, politicamente.

Paranhos, ainda demonstra que, além da institucionalizada subjugação feminina pelo Estado Novo, havia uma caça à malandragem o que mais uma vez colocava Aracy de Almeida na contra-mão do que pregava o sistema, afinal era mulher e era malandra.

Nascida em 1914, ela veio ao mundo em meio a ebulição social que homens, mulheres e crianças enfrentavam num período de grandes transformações mundiais. Elas, na busca por emancipação e eles se adaptando à inédita investida feminina objetivando a conquista de espaços públicos (Campos,2009).

Segundo Nicolau Sevcenko (2002), a tônica social das três primeiras décadas do século XX foi o discurso de modernidade. Tal modernidade do ponto de vista feminino diz respeito a emancipação. Por outro lado, havia a tentativa de abafar tal ascensão pelos homens, imprensa, poder e até mesmo, por parte das próprias mulheres. Isso porque nem todas elas concordavam com tais modernidades. Ressalte-se que, a fama alcançada por Aracy de Almeida, ocorreu num tempo em que as mulheres, embora querendo se emancipar eram desguarnecidas de direitos e benefícios. Para se ter uma idéia, era comum que as mulheres dos anos 1930, para demonstrar recato, saíssem na rua, segurando um embrulhinho ou coisa parecida, para disfarçar as mãos (SEVCENKO, 2002).

O autor discorre mais sobre o assunto, afirmando que:

Em 1918, a Revista Feminina, traz um interessante editorial de Ana Rita Malheiros, colocando às custas do fracasso do homem moderno, a emancipação e avanço feminino. Segundo a articulista, ao não conseguir trazer o suficiente para o sustento de seu lar, o homem compeliu a mulher ao trabalho, quando, na verdade queria ela, “continuar tranquila no seu canto de sombra. (SEVCENKO, 2002, p. 406).

Engano da jornalista. O homem não era o culpado pela necessidade de emancipação da mulher. Muitas não queriam descansar mas se impor, conquistar direitos, ocupar espaços. As transformações mundiais convocavam-nas para a ação. E assim, algumas destas mulheres, mais arrojadas, arregaçaram as mangas e, ainda que sob forte artilharia de vários segmentos sociais, foram à luta. Sob este aspecto, Sevcenko (2002) destaca Ercília Nogueira Cobra, que em 1924, publicou um ensaio com o título, *Virgindade anti-higiênica* e em 1927, publicaria o livro *Virgindade Inútil*. O autor cita também Maria Lacerda de Moura, feminista, mineira da cidade de Barbacena, que se engajou em campanhas nacionais da luta por alfabetização (SEVCENKO, 2002). Neste compasso, guardadas as devidas proporções, destacamos Aracy de Almeida: o samba em pessoa. Ela ocupou espaços antes somente permitidos a homens. Difícilmente encontraremos na história da malandragem carioca uma mulher. Ela foi resistência e, neste papel, foi muito bem-sucedida. Interessante a frase do escritor e amigo Hermínio Bello de Carvalho, em seu livro *Araca: Arquiduquesa do Encantado*: “Araca era uma espécie de precursora natural dos grandes transgressores que ditavam mudanças comportamentais que alteravam a simetria do Universo” (CARVALHO, 2004, p. 15).

Conforme afirma Paranhos (2008, p. 6):

Disso tudo sobra a conclusão de que o círculo de ferro que o regime estado-novista tentou impor a fim de modelar diferencialmente os comportamentos masculinos e femininos freqüentemente não foi bem sucedido. Neste caso específico, apesar das políticas intervencionistas do Estado Novo (que) reforçavam a dependência das mulheres em relação aos homens e dos protestos de compositores populares e de malandros renitentes, outros mundos se agitavam sob a aparente calma. O espaço público do prazer/lazer, nos seus múltiplos sentidos, tido e havido como essencialmente masculino, era também progressivamente invadido por mulheres que, de uma forma ou de outra, se recusavam a resignar-se diante de seu papel de simples objeto doméstico.

Com o fim dos anos 1950 e a chegada da televisão, a música brasileira foi recebendo novas tendências (CASTRO, 2015a). Os cantores dos anos 1930, 1940 e 1950, ala tradicional do rádio e primeiros ídolos de massa no país, foram ficando esquecidos em detrimento dos artistas que surgiam. Muitos se conformaram. Outros, como Aracy de Almeida, tentando fugir do ostracismo, saíram em busca de soluções. Aracy aceitou ser jurada no programa de calouros e piadas do

apresentador Pagano Sobrinho¹³ no final da década de 1960, que ia ao ar pela TV Record. A partir daí, vieram os programas do Chacrinha, Mário Montalvão, Airton Rodrigues, Berlingeiro, Bolinha e Flávio Cavalcanti, até que se chegasse ao derradeiro, o Programa Sílvio Santos. Aracy de Almeida estava de volta mas deixara no passado “O samba em pessoa”, “A dama da Central” e a “Arquiduquesa do encantado”.

2.2 Cantoras do rádio

Iniciamos este capítulo lembrando a chegada do rádio ao Brasil, em 1922, para então falarmos sobre as “Cantoras do Rádio”, que tiveram o seu auge na década de 1950 na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com o Programa César de Alencar. Linda e Dircinha Batista, Carmen Miranda, Aurora, Dolores Duran, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira, Nora Ney, Izaurinha Garcia, Emilinha Borba e Marlene foram aclamadas pelos ouvintes daqueles tempos. As duas últimas protagonizaram a maior rivalidade dos fãs clubes, através dos concursos de “Rainha do Rádio”. O sucesso destas cantoras, aliado a programas com as mais variadas formas de entretenimento, auxiliou na popularização do veículo, ao mesmo tempo em que, no mercado, ele se tornava economicamente acessível às camadas mais populares. O rádio contava com a criatividade dos comunicadores, intérpretes de talento, noticiários de hora em hora, as radionovelas, humorísticos, publicidades (que eram chamadas “reclames”), e naquele momento, se firmava como um veículo de massa aglutinador (MOREIRA, 1991).

Maria Elvira Bonavita Federico (1982), em seu livro *História da comunicação: rádio e TV no Brasil* situa o final dos anos 1940 e início dos anos 1950 como a virada definitiva do rádio comercial sobre o modelo, anteriormente proposto pelo governo, de rádio educativa. Segundo a autora, por esta época o rádio assume uma postura mais comercial e, por consequência mais popular. Sob este aspecto, o historiador José Ramos Tinhorão¹⁴, posiciona o início deste processo a partir do pós-guerra, quando a fertilidade do período industrial evoca o novo veículo a uma fase mais rentável e atrativa ao público.

¹³ Fioravante Pagano Sobrinho, humorista, ator, apresentador de programas, nascido em 1910 na cidade de São Paulo. Teve uma carreira de mais de 30 anos dedicados ao rádio, televisão e cinema.

¹⁴ Jornalista, crítico musical e pesquisador musical brasileiro.

Por sua vez, Avancini cita o início da “Era de Ouro” do rádio e a ascensão das grandes cantoras, como fração de uma dinâmica, envolvendo artistas, fãs, emissoras de rádio, indústrias fonográficas, revistas e demais veículos de comunicação associados que, formaram um complexo cultural garantidor do perfeito funcionamento e do êxito da radiodifusão nos anos 1950 (AVANCINI, 1996). A autora lembra o escândalo causado pela separação de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins e seus desdobramentos com a respectiva cobertura dos jornais e revistas da época (AVANCINI, 1996). A Revista do Rádio¹⁵ que se popularizou com mexericos dos artistas da ocasião, periodicamente trazia as réplicas e tréplicas do casal de artistas, durante os desentendimentos que culminaram com a separação em 1951. O fato é que o prolongamento da polêmica, dando publicidade ao que, para aquele meio social era inerente à intimidade, atraía o público, fazendo-o partícipe da inédita situação. Era a vida privada de um casal sendo colocada sob o crivo da opinião pública, escancarando suas mazelas e, por consequência provocando diferentes juízos de valor a cada novo acontecimento. Estes fatos revelaram um grande poder de mobilização social dos veículos de comunicação naquela época.

A partir dos anos 1950, os programas de auditório passaram a fazer parte do gosto coletivo e, com cantoras de vozes estupendas, senhoras de seu próprio estilo passaram a dominar a cena do rádio apoiadas pelos seus fãs clubes. Cada uma tinha sua forma peculiar de vestir, seu tom pessoal ao entoar a voz, seu jeito único em se comunicar, o que segmentava os fãs e às vezes os levava às vias de fato com outro grupo da cantora que chamavam “rival”. As cantoras do rádio tornaram-se o símbolo desta época na radiofonia de nosso país.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro alcançou destaque pelo pioneirismo em sua grade de programação. Inaugurada em 1936, esta emissora foi o carro chefe de um grande movimento cultural. Seu *cast* ostentava artistas como: Mário Lago, Cauby Peixoto, Emilinha Borba entre outros. Logo, a Nacional começou a ser referência para outras emissoras do eixo Rio-São Paulo e também do norte e nordeste do país. O programa César de Alencar, iniciado em 1945, foi importante palco das cantoras do rádio. Note-se que o referido locutor, foi contratado em 1945, para substituir um

¹⁵ Publicação lançada em abril de 1948, editada pelo jornalista Anselmo Domingos, circulou por 22 anos em quase todo território nacional e retratava, em formato de revista, a vida e obra de artistas e produtores que protagonizaram a Era do Rádio. Inicialmente mensal e depois semanal, a revista se especializou nas reportagens que destacavam o mundo radiofônico.

ícone da Nacional, que vislumbrava outros horizontes na concorrente carioca, rádio Tupi. Estamos falando do ator e outrora locutor Paulo Gracindo.

Com a euforia que as cantoras causavam em seus admiradores, a Rádio Nacional criou o concurso da Rainha do Rádio. Com isso, os fãs, acirraram ainda mais os ânimos e passaram a defender sua Diva, literalmente, com unhas e dentes. Neste aspecto, abrimos destaque para os fãs de Marlene e Emilinha Borba. É que, ambas disputaram várias finais do concurso Rainha do Rádio e com isso aqueceram muito tal rivalidade. Como registro, Linda Batista foi eleita a primeira Rainha do Rádio.

Eram dez as cantoras do rádio: Carmem Miranda, Linda e Dircinha Batista, Aurora Miranda, Aracy de Almeida, Dolores Duran, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, Nora Ney e Izaurinha Garcia. Alguns historiadores incluem Angela Maria como a décima primeira cantora desta lista. Acrescentaria que cada uma destas cantoras teve sua relevância no referido movimento. A propósito, sabemos da importância e inquestionável sucesso internacional alcançado pela “Pequena Notável”, Carmem Miranda.

A personagem desta pesquisa se destacou nesta época e é citada como uma das “Cantoras do Rádio”, embora seja nítido que, os meios frequentados por ela, nem sempre eram os mesmos daquelas que disputavam o título de “Rainha do Rádio”. Aracy não teve a mesma notoriedade que a maioria delas. Sabemos que as publicações especializadas que surgiram com o sucesso do rádio, abriram um novo campo no jornalismo brasileiro que explorava a vida destas artistas fora dos palcos, como é o caso da citada Revista do Rádio. Assim, falavam de moda, comportamento, família e enfim, tudo relacionado à vida particular daquelas personalidades. Podemos concluir que em matéria de intimidade, tais publicações objetivando seu sucesso comercial investiam no sensacionalismo para ganharem a atenção do público alvo. Mas Aracy de Almeida não era figura corrente entre estas reportagens. Pouco citada entre as cantoras do rádio, embora saibamos de sua efetiva participação, Aracy é mais lembrada como a amiga de Carmem Miranda e também de Linda Batista.

Desta forma, o escritor Eduardo Logullo, que se dizia de uma proximidade “parental”, com Araca, em seu livro *Aracy de Almeida: não tem tradução*, se posiciona: “Aracy nunca combinou com nenhuma das cantoras da sua época. Ela foi anti-avant-pré-pop-porra.” (LOGULLO, 2014, p. 24).

A própria Aracy, pouco cita as cantoras do rádio nas muitas entrevistas que temos disponível para consulta. A Dama do Encantado tem como pauta recorrente, suas andanças com a malandragem e aventuras com Noel Rosa pela região boêmia do Rio de Janeiro. Sabemos, entretanto, que tal “esquecimento”, pode ser proposital por encontrar em Noel uma figura mais presente e de prestígio na imaginação de cada um. Afinal, como dizia Araca no livro de Logullo (2014, p. 59): “Eu gostava de aparecer. Sempre gostei de me mostrar.”

Para compreender a história das Cantoras do Rádio foi necessária a consultamos autores como Ruy Castro, e suas obras *Carmen* (CASTRO, 2005), que é uma biografia de Carmen Miranda, e *Chega de saudade* (CASTRO, 1990), que narra a entrada da Bossa Nova na cena musical brasileira, além da obra de Avancini (1996), *Na Era de Ouro das Cantoras do Rádio*, onde a professora aborda aspectos da vida das grandes cantoras da primeira metade do século XX, que deram um novo *status* ao rádio. Foi também pesquisada a obra de Maria Elvira Bonavita Federico (1982), *História da Comunicação: rádio e TV no Brasil*, entre várias outras.

2.3 Radiodocumentário

A produção de nossos radiodocumentários foi ambientada com as locuções e músicas dos anos 1930 a 1950, que é quando a personagem desta pesquisa vive seu auge como cantora e torna-se uma importante intérprete de Noel. O produto tem formato narrativo, com intervenções da própria Aracy de Almeida (mediante *Offs* retirados de entrevistas) somados a importantes interpretações de sua carreira. Nesta linha, este capítulo foi elaborado após consulta às obras de Barbosa Filho (2003), Ferraretto (2014) e Zuculoto, Lopes e Kischinhevsky (2016), entre outros importantes pesquisadores, que conceituam os elementos comunicacionais quando o assunto é radiofonia.

Um radiodocumentário se caracteriza pela explanação e exaurimento de determinado assunto, apresentando pesquisa de conteúdo e recursos sonoros, no sentido de fornecer informação jornalística ou cultural ao público ouvinte. É raridade nos dias atuais, devido ao apetite comercial das emissoras, além do tempo que ocupa na grade de programação. O rádio FM, na ânsia de vender cada vez mais publicidades, acede a uma dinâmica alucinante, a começar pela pulsação das locuções, passando pela estética das vinhetas e finalizando no ritmo das músicas

listadas. Tempo é dinheiro também no rádio. Com isso, formatos como do radiodocumentário ficaram prejudicados nas emissoras convencionais. Isso não quer dizer que, as radiowebs, educativas e comunitárias não possam explorar o gênero com sucesso e adesão espontânea do público ouvinte (PESSOA, 2009).

A propósito, Ferraretto (2001) alega que o radiodocumentário é pouco frequente no Brasil, mas que baseando-se em uma pesquisa de dados ou de arquivos de som, reconstitui fatos importantes.

Concordamos, em parte, com a celeridade adotada pelo jornalismo radiofônico nos dias atuais, uma vez que os acontecimentos se sucedem em ritmo alucinante e conduzem a informação a um pulsar mais intenso. Entendemos, por outro lado, que sujeitar toda informação aos padrões atuais de velocidade, pode muitas vezes confundir o ouvinte, dependendo da complexidade do assunto. O rádio não é só informação. É também fruição cultural e educativa. A este respeito, André Barbosa Filho (2003, p. 1) salienta: “desde sua gênese, o rádio vem se firmando como um espaço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização.”

Para Robert McLeish (2001) o radiodocumentário não pode se resumir apenas à informação e deve promover a busca da reflexão. É voz corrente entre os autores que, com a soma de ingredientes sonoros, interpretações emocionais, efeitos e edições personalizadas, o radiodocumentário permite que o ouvinte crie uma imagem mental do conteúdo, facilitando-lhe o entendimento e o aprendizado.

Contamos em nossos radiodocumentários um pouco sobre *Aracy de Almeida: samba e malandragem no Brasil dos anos 1930 e 1940*. No primeiro programa, abordamos o tema de forma biográfica e no segundo, através de recortes, imprimimos ênfase a certas características de nossa Araca, assinalando traços de sua personalidade marcante.

2.3.1 Roteiro do radiodocumentário

O roteiro é a expressão transcrita das fases pelas quais passa uma produção radiofônica. É facultativo, conforme a habilidade (necessidade) da produção com o improviso e com os objetivos buscados pelos idealizadores. Torna-se, entretanto, necessário, em se tratando de conteúdo educativo ou acadêmico. Dotado de

padrões, o roteiro não segue um modelo definitivo entre os profissionais da área. Assim, obedecendo-se algumas regras gerais, destacam-se como elementos comuns:

**CABEÇALHO
TÉCNICA
LOCUÇÃO
INDICAÇÃO DE TEMPO
FICHA TÉCNICA**

Como exemplo das regras gerais, lembramos: a escrita para a locução em letras sempre maiúsculas com tamanho, no mínimo, quatorze. Também é padrão o espaçamento de 1,5 entre as linhas. Ainda com relação à escrita para locução, não se deve cortar a palavra de uma linha para outra e a redação, ainda que de um numeral arábico, há de ser sempre anotada por extenso. Escrita para locução radiofônica: “UBERLÂNDIA, VINTE E CINCO DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E DEZESSETE”.

Vale uma ressalva: a ideia geral do que produzimos está aqui, organizada segundo o desenvolvimento da pesquisa. Os roteiros completos estão esboçados em apêndice.

Sob o ponto de vista conceitual, apresentamos à banca dois roteiros. Inicialmente produzimos apenas o primeiro programa que abordou a vida da nossa personagem desde a infância até o sucesso. No segundo, cuja produção ficará para um momento posterior, nosso enfoque recaiu sobre o ápice da sua carreira, passando por fatos que marcaram sua trajetória.

Para as produções foram necessárias pesquisas sonoras, uma vez que nos utilizamos das trilhas, vinhetas, teasers de passagem, transições e locuções ao estilo da época. Para tanto utilizamos como fonte de pesquisa arquivos físicos pessoais e também a internet, através de sites como o *Time Machine* ([2015]) e *Youtube*. Consultamos publicações dos anos 1940 e 1950 em busca de informações que pudessem nos auxiliar tecnicamente, como a *Revista do Rádio*, *Revista Feminina*, o jornal *Diário de Notícias*, entre outros.

A locução seguiu o estilo narrativo com textos de menos de um minuto e, neste primeiro programa, seguimos uma cronologia para contar a caminhada artística de Aracy de Almeida. A produção trouxe entrevistas concedidas em momentos posteriores ao período retratado no produto, mas que conseguiram

estabelecer uma relação dialógica com todo o material disponível no sentido de imprimir veracidade aos fatos relatados.

2.3.2 Estrutura do radiodocumentário

A base melódica do primeiro programa é formada por quatro trilhas que integram o background (BG) e dão sustentação ao locutor para a interpretação de seus textos. São elas: Urubú malandro, um choro de 1914 (ano de nascimento de Aracy), de autoria melódica desconhecida e letra de João de Barro. Esta música, muito popular no primeiro quarto do século XX, justifica-se pela adequação rítmica com a produção proposta. Serve como BG no início do programa, para a leitura dos créditos do título e cede lugar para o choro de Garoto, de 1942, *Quando dói uma saudade*, que vai do início até o final do primeiro texto. É utilizada novamente no fim do radiodocumentário, para a locução da respectiva ficha técnica. Outro BG, constante da base de locução para o segundo, terceiro e quarto textos é Engomadinho, um samba de 1942, gravado por Aracy de Almeida, de autoria de Pedro Caetano e Claudionor Cruz. A escolha de tal música deu-se pela sua dinâmica e ritmo, que ditam o andamento do programa. Finalmente, completando nossa trinca de BGs, listamos Três apitos, para harmonizar o último texto, dando o toque necessário de nostalgia no encerramento do radiodocumentário. Esta canção é de autoria de Noel Rosa.

Quanto ao repertório, utilizamos sete músicas que se integram aos textos de forma dialógica e nos ajudam a entender a trajetória da nossa personagem. Pela ordem, são elas: *A mulher do leiteiro*, de Haroldo Lobo e Milton Oliveira. Esta marchinha, gravada em 1942, justifica a paixão pelo carnaval que a cantora nutriu ao longo de sua carreira. Em seguida a música *Seu riso de criança*, de Noel Rosa, vem assinalando um texto sobre a relação de Aracy de Almeida com o Poeta da Vila Isabel. Depois, a música *Três apitos*, também de autoria de Noel Rosa, coloca nossa personagem sob uma visão política e social, a partir do momento em que sai da casa dos pais para seguir a carreira de cantora. Depois executamos a música *Vai trabalhar*, composição de Cyro de Souza, para contextualizar Aracy de Almeida na sociedade patriarcal em que vivia, contrariando, através das letras, a estratégia ordinariamente adotada, de colocar a mulher como rainha do lar, do casamento e dos filhos, negando-lhe quaisquer outros espaços para suas manifestações. Na

sequência, escalamos a música *Camisa Amarela*, de Ary Barroso, por ter sido este, um dos grandes sucessos de Aracy. Ary Barroso e Aracy de Almeida pouco conseguiam se comunicar, apesar da nossa personagem ter passado perto de gravar a principal obra do referido compositor: *Aquarela do Brasil*. Depois, com *Feitiço da Vila*, falamos da nossa personagem em relação às cantoras do rádio e das suas andanças com Noel Rosa. Finalmente, encerramos o programa com a música *O orvalho vem caindo*, outro samba de Noel Rosa.

Incluímos outros dois elementos de composição estética no programa, que além do acréscimo de informações contribuíram para a versatilidade de argumentos obstando a linguagem monótona na produção. Assim, compõe a estrutura do radiodocumentário dois *offs* de Aracy de Almeida, ambos de uma mesma participação para a TV Cultura no programa *Ensaio*, de 1972, quando ela fala sobre a importância de Noel Rosa em sua carreira e depois, de sua relação com Ary Barroso. A primeira fala de Aracy serve como sustentação para a música *Três apitos*, logo após o segundo texto. O segundo *off*, sobre as “diferenças” com Ary Barroso é a preparação para a música *Camisa amarela*.

Utilizamos também como quadro, inspirado no livro de Logullo, os *Registros Aracyanos*. São três inserções estratégicas com uma voz (cabeça de texto) masculina e outra voz feminina, assinalando notas curiosas sobre Aracy, costuradas com o texto e com a música. A voz feminina era utilizada nos programas de rádio daquela época, com o objetivo de contrastar com o grave da voz masculina, evitando a fadiga no entendimento. Como vinheta de abertura destas informações intercorrentes utilizamos sinais sonoros (de uma máquina de escrever), comumente marcantes nos anos 1940 e o BG da introdução da música de carnaval, **Miau miau**, de Haroldo Lobo e Milton Oliveira, gravada por Aracy de Almeida para o carnaval de 1939. As fontes dos *Registros Aracyanos* são as seguintes: a nota sobre a voz anasalada foi retirada de um depoimento ao programa *Mosaicos* da TV Cultura, de São Paulo, 2009. A resposta de Aracy sobre sua relação com Noel Rosa, está em um texto do Blog Burburinho, de Rafael Lima, 2005. E o fato referente ao diálogo com Ary Barroso, encontra-se no livro *Araca-Arquiduquesa do Encantado* de Hermínio Bello de Carvalho.

Finalmente, o produto conta com cinco textos que traçam uma linha cronológica desde a infância até a conquista do sucesso nas rádios. O enredo procura situar a personagem no tempo e no espaço, destacando as dificuldades

comuns às mulheres daquela época, e também chamando a atenção para a forma com que Aracy de Almeida escolheu viver durante o tempo em que foi reconhecida como cantora do rádio. Assim, objetivamente, destacamos a infância pobre no subúrbio; o encontro e a amizade com Noel Rosa; a importância do carnaval e das marchinhas, que ela tanto gravou; a malandragem com quem conviveu ao lado do Poeta de Vila Isabel; a sintonia da nossa personagem para além das paredes do lar; o momento social inóspito para a mulher que, como ela, tinha desejos de liberdade; as cantoras do rádio; a cultura geral que detinha e o amor pelas artes, dividido apenas com os amigos mais íntimos.

O desafio foi a sintetização na abordagem de uma personagem tão complexa. Esperamos ter correspondido às expectativas, do ponto de vista profissional e acadêmico.

Fotografia 2: Aracy e a imagem que se popularizou com a jurada de auditório



Fonte: Garcia (2014).

3 PROCEDIMENTOS DE DESENVOLVIMENTO

Dizem respeito às ações praticadas a fim de se atingir os objetivos da pesquisa.

3.1 Procedimentos realizados

3.1.1 Pesquisa documental

Levantamento de fontes - Neste caso, foram conclusões pessoais, a partir de estudo preliminar somado às orientações recebidas da professora Dra. Raquel Discini de Campos e algumas reuniões com professores de áreas afins.

Levantamento bibliográfico - É a pesquisa da literatura sobre o tema escolhido através de livros, jornais, revistas, artigos acadêmicos e documentos visando fundamentá-la metodologicamente. Aqui tratamos do conjunto de princípios e leis que nos auxiliam a verificar o *quantum* da produção científica e de maneira geral da documentação existente.

Objetiva-se alcançar os resultados possíveis dentro da temática escolhida, direcionados pelos descritores e por critérios gerais (traçados pela orientadora) e específicos (traçados por nós).

Iniciamos com o **Google Acadêmico** por termos afinidade com esta ferramenta. Para os “eventos”, utilizamos as plataformas da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e da Associação Nacional de História (ANPUH¹⁶). Nestas duas últimas, entramos através do site Google Acadêmico, digitando na caixa de pesquisa o “descriptor” e, em seguida, o endereço do site de busca: INTERCOM ou ANPUH.

A partir de nossa qualificação, decidimos pela não fixação de limite temporal para apuração dos trabalhos, pois tal critério poderia prejudicar o êxito de nossa pesquisa já que a natureza do nosso objeto é histórica.

Quanto aos descritores, o primeiro que escolhemos foi o próprio nome de nossa personagem – ARACY DE ALMEIDA.

¹⁶ Instituição científica com o propósito de incentivar a pesquisa e a produção científica bem como de congrega os profissionais atuantes de história.

Depois, atentamos para um outro fato: Aracy de Almeida é relacionada pelos historiadores como uma das cantoras do rádio. Entretanto, numa observação preliminar, pouco encontramos sobre a convivência de Aracy com tal movimento musical. Até então, apenas havíamos encontrado documentos importantes sobre a amizade da nossa Dama do Encantado com Carmem Miranda e Linda Batista. Em busca de mais informações a respeito, motivamo-nos a escalar como segundo descritor AS CANTORAS DO RÁDIO.

Apresentada a Noel Rosa, Aracy de Almeida é convidada pelo poeta para tomar umas cervejas “Cascatinhas” na Taberna da Glória¹⁷. Ali, Noel já compôs uma música em homenagem a Aracy de Almeida, “Seu riso de criança”, e uma grande amizade iniciou-se. A partir de então, tornaram-se quase inseparáveis. Por onde ía, Noel levava a menina para interpretar seus sambas. Aracy passou a frequentar, acompanhada por Noel, a Zona do Mangue¹⁸ e as biroschas da Lapa. Se tornou figura conhecida e respeitada entre a malandragem carioca. Estes fatos nos direcionaram ao terceiro descritor: a MALANDRAGEM.

Nos anos 1950, quando a lembrança de Noel Rosa se tornava esquecida, Aracy de Almeida gravou um *Long Play* (LP), com seus melhores sambas. Para boa parte dos críticos da música brasileira, este ato acordou o país para Noel Rosa que, até então era apenas um compositor regionalista.

É importante lembrar aqui o fato de que, Aracy de Almeida foi a principal narradora dos fatos que a ligavam ao “Poeta da Vila”. Assim, vários autores construíram a história da cantora entrelaçada com a de Noel Rosa, pelos bares, botequins e regiões boêmias do Rio de Janeiro, atribuindo-lhes uma forte ligação de amizade. Por isso escolhemos NOEL ROSA como nosso próximo descritor. A propósito, que o laço de amizade entre Aracy e Noel houve, disso não restam dúvidas. Entretanto, é relevante que não desprezemos a vaidade da artista ao narrar detalhes da relação com tão importante figura da música e ainda, que possamos levar em conta toda a mitologia que envolve a época de ouro do rádio e os artistas

¹⁷ Bar amplamente frequentado pela classe artística da primeira metade do século XX, onde podia-se degustar a Cerveja Cascatinha, uma das principais da época e a preferida de Noel Rosa. A Taberna da Glória ficava nas proximidades da Rádio Educadora do Brasil, onde Noel Rosa e Aracy de Almeida se conheceram. Continua em pleno funcionamento, servindo comidas típicas brasileiras, na Rua do Russel, Bairro da Glória, no Rio de Janeiro.

¹⁸ Zona do Mangue – Região próxima à Praça da Bandeira, onde hoje situa-se a Cidade Nova, que no início do século passado abrigava a população marginalizada. Tinha, porém, uma vida cultural muito ativa.

que fizeram parte daquele fértil período cultural de nosso país. Finalmente, como último descritor, elegemos o gênero escolhido para apresentar nossa pesquisa – o **RADIODOCUMENTÁRIO**.

Assim, definidos os cinco descritores passamos à análise das ferramentas de busca. Deixamos as plataformas de eventos para um segundo momento.

Google Acadêmico - Com o descritor ARACY DE ALMEIDA, obtivemos do Google Acadêmico 3.910 resultados. Ao colocar aspas, fomos a 503. Finalmente, após seleção sistemática chegamos a 50. Aqui, acrescentamos também como regra, tabular aqueles temas que envolviam direta ou indiretamente Aracy de Almeida ou ainda que por critério subjetivo do pesquisador, pudesse levar a algum fato ocorrido na carreira ou obra da cantora. Vale dizer que, os textos em que, claramente a artista é apenas citada, foram descartados.

Assim, na primeira página do Google dois textos chamaram atenção: ambos do pesquisador da UFU Adalberto Paranhos (2006): *Além das Amélias: música popular e relações de gênero sob o Estado Novo*, por ter consonância com o aspecto temporal e espacial de nossa pesquisa, embora esteja, para nós, mais que claro que Aracy de Almeida não era uma Amélia. Nossa personagem, entretanto, certa vez, em entrevista ao programa Mosaicos da TV Cultura de São Paulo, chamou para si, a autoria da frase: “Amélia que era mulher de verdade”. Segundo seu relato, Amélia (a mesma da música), era uma doméstica que trabalhava em sua casa no bairro do Encantado: na entrevista de 1977, dizia a cantora:

O Mário Lago fica doido de raiva quando eu digo, mas a idéia da Amélia fui eu quem deu. Um dia, sugeri uma frase, “Amélia que era mulher de verdade”, ao Wilson Batista. Ele disse que andava sem tempo para compor e então o Ataulfo, que estava perto, pediu o samba para o Mário e o samba foi feito. Tem mais. Dou até o local onde aconteceu: na Leitaria Nevada, ali na Rua Bittencourt da Silva. (ANTÔNIO, 1996 apud AI! QUE SAUDADE..., 2017, grifo do autor).

O outro texto intitula-se, *Entre sambas e bambas: vozes destoantes no Estado Novo* (PARANHOS, 2007). Neste também, o autor transita por uma época que nos interessa e assim, em ambos os textos, buscamos informações sobre a relação da música de Aracy com a sociedade daqueles tempos, marcada pelas imposições governamentais sobre as rádios e até sobre certos compositores.

Na segunda página de resultados, ainda sob o descritor – ARACY DE ALMEIDA – somente, se encaixou em nosso levantamento, conforme os critérios acima descritos o título *Entre o trabalho e a orgia: os vaivéns do samba nos anos 1930 e 1940*, também do professor Paranhos (2012). Nos demais textos desta página, Aracy de Almeida é apenas citada de passagem.

A seguir vem o texto *Araca: o samba em pessoa* que destaca um documentário sobre a vida e carreira da personagem, desde a infância até os últimos dias como jurada de auditório do Programa Sílvia Santos (ARACA..., 2014).

Também foi elencado o artigo: *Não falem dessa mulher perto de mim: representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950* (ALMEIDA; SILVA, 2017). Aqui, procuramos entender o universo artístico feminino diante de uma sociedade sectária e patriarcal. A compreensão dos problemas e questões sociais de fundo pelas quais passou a nossa personagem também em muito nos auxiliou.

Seguindo na próxima página do Google Acadêmico, escolhemos ainda o artigo de 2008 apresentado no XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (Salvador, BA), denominado *Intérpretes originais das canções de Noel Rosa: comparação de suas pronúncias...* (TAVEIRA, 2008). Optamos por este título, pelo fato de estar Aracy de Almeida entre as grandes intérpretes do Poeta da Vila. Assim analisando, conseguimos perceber qual a visão científica do pesquisador ao interpretar o sotaque da “Dama do encantado” quando entoava as composições de Noel Rosa.

Em seguida, chamou-nos a atenção o título: *A voz do morto: Caetano Veloso e a transgressão da idéia de identidade nacional difundida pelos compositores de samba da década de 1960* (CARVALHO, 2012). *A voz do morto*¹⁹ foi uma música composta por Caetano Veloso sobre uma analogia da vida de Aracy de Almeida após a morte do compositor Noel Rosa. O cantor baiano, na letra, observa a postura psicológica e poética, além das oportunidades profissionais que surgem para um artista que, interpreta a obra de outro (maior), que se foi e, pouco a pouco, como tudo na vida, vai sendo esquecido e abandonado pela “glória”. Interessante o tema, além de revelador do grande apreço, que um dos expoentes da Tropicália guarda

¹⁹ Composição de Caetano Veloso, de 1968, gravada originariamente pelos Mutantes. Aqui Caetano, traça um perfil psico-social de um intérprete que perdeu o compositor de suas canções, numa óbvia alusão à relação a Noel Rosa e Aracy de Almeida. Tornou-se uma das obras de destaque da MPB sendo, entretanto, mais conhecida com a frase de seu refrão: “Na glória”.

para com Aracy de Almeida. Nosso próximo título: *Três apitos*. Uma das mais populares composições do “Poeta da Vila”. O artigo *Três apitos: lirismo e violência em Noel Rosa*, Guto Leite (2017) apresenta uma análise sócio-política da letra da música.

A caminho do esgotamento deste nosso descritor, pela quantidade de temas repetidos, três títulos levaram a temática para o mesmo rumo e por isso nos chamaram a atenção: *A canção no feminino* (MURGEL, 2011), *Quando canta o Brasil* (RIBEIRO, 2009) e *A era de Ouro do Rádio* (CALABRE, 2002). Eles discutem, cada um à sua maneira, a situação da mulher artista na sociedade da primeira metade do século XX. Como era encarada, quando quebrava paradigmas? O que as pessoas pensavam das mulheres que entravam para o mundo artístico? E daquelas que tinham sempre a companhia de homens? E ainda, como os próprios colegas de mundo artístico as enxergavam? Questões de gênero que em muito enriqueceram nossa pesquisa.

De maneira geral, Aracy de Almeida foi citada apenas de passagem nos trabalhos sob este descritor. Colhemos, entretanto, alguns títulos de muita utilidade na nossa incursão. Passemos ao próximo descritor.

CANTORAS DO RÁDIO – Já vimos que Aracy de Almeida não era figura expoente entre as cantoras do rádio. Aracy foi contemporânea deste movimento. Cantava no rádio, mas cantava na rua também. Era amiga (e inimiga) de muitas destas cantoras. Mas a “Dama da Central” não era só do rádio. Ela era também da boêmia. Era da noite, da seresta e acompanhava os amigos por onde quer que fossem. Ela é, entretanto, sempre citada sob este título em qualquer plataforma de pesquisa.

Com este descritor, nossa procura, sem filtro e sem aspas, levou-nos a 12.300 resultados. Ao colocar aspas, chegamos a 218. Com nosso processo sistemático de filtragem, o resultado bruto foi de aproximadamente 164 títulos.

O primeiro título da página 1 é um programa de rádio muito identificado com aquele que apresentamos para julgamento desta banca. Vamos aos trabalhos escolhidos com este descritor.

Aqui, sob o critério do protagonismo da nossa personagem, identificamos uma quantidade significativa de trabalhos em que Aracy era apenas citada. Outros se somam aos trabalhos de graduandos, o que foge aos critérios pré-estabelecidos neste estudo. Selecionamos seis trabalhos, sendo o primeiro denominado Os

arranjadores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, décadas de 1930 1960 (RIBEIRO, 2012). Este título tem como uma das figuras centrais o maestro e arranjador Radamés Gnattali²⁰ que, foi amigo de Aracy e um de seus maestros preferidos, tendo arranjado vários de seus sucessos nas décadas de 1940 e 1950, inclusive a música, acima citada, *Três apitos*.

Outro trabalho *O lar e o palco na era do rádio: a identidade feminina em 'A estrela sobe' de Marques Rebelo* (FREITAS; FRAZÃO, 2013). Este texto tem uma certa ligação com a problemática de nossa pesquisa, dada curiosidade que envolve a vida doméstica da nossa “Dama do encantado”, sendo ela uma participante ativa da vida boêmia e malandra da noite carioca. Aqui, não tratamos do livro *A hora da estrela*²¹. A obra de Clarice Lispector não se encaixa nos critérios de análise exigidos por este trabalho, mas o artigo em questão somou bastante em nossas convicções e nos auxiliou em algumas conclusões.

O texto seguinte diz respeito à trajetória da cantora Alaíde Costa, com quem Aracy de Almeida manteve laços de amizade. Consta que, em certo momento, elas se distanciaram e ficaram por um tempo sem se falar. Entretanto o abalo foi superado após a constatação do mal-entendido e a amizade se prolongou até a morte de Aracy de Almeida em 1988 (SARAIVA, 2015).

As cantoras do rádio e sua representação feminina na década de 1950 (BORGES, 2017). O texto descreve detalhes sobre a vida artística destas cantoras, incluindo Aracy. Minúcias sobre shows, contratos e a vida com os fãs. O artigo fala ainda sobre a imprensa da época que dava cobertura às divas e seus comportamentos, explorados amplamente por jornais e revistas (BORGES, 2017).

Neste mesmo ritmo, o título posterior traz a moda das artistas da Rádio Nacional nos anos 1950. Mais um tema que enriqueceu de detalhes nossa pesquisa. A propósito, consta que pelo fim dos anos 1950, Aracy de Almeida foi a

²⁰ Radamés Gnattali foi um Maestro, arranjador e compositor brasileiro, nascido em Porto Alegre-RS, em 27 de janeiro de 1906 e falecido no Rio de Janeiro em 1988. Um dos expoentes da Música Popular Brasileira de todos os tempos. Foi amigo de Tom Jobim (embora não tenham sido parceiros de composição), e também amigo particular de Aracy de Almeida, sendo várias vezes citado por ela, como um de seus maestros favoritos.

²¹ Romance literário de Clarice Lispector que através da personagem alagoana Macabéa leva a questões filosóficas e existenciais acerca de sua ingenuidade e pureza. A Hora da Estrela foi adaptada para o cinema por Suzana Amaral em 1985.

patrocinadora do primeiro ateliê do costureiro Dener²², um dos precursores da alta-costura brasileira. Entretanto, falando do vestuário pessoal, sabe-se que ela era desprovida de vaidade e que, em várias obras é citada como usuária contumaz das cuecas e camisas de Heni, um coronel reformado com o qual ela conviveu em concubinato. Os sapatos de Aracy eram feitos sob encomenda por um japonês, que sabia a exata posição de seus joanetes.

Carmen Miranda: o sistema de radiodifusão e o samba – Carmem e Aracy foram amigas e alguns autores relatam a ligação entre as duas artistas como uma verdadeira irmandade (SANTOS, 2016).

Esperávamos um pouco mais deste descritor, entretanto a breve explanação acima sobre a transitoriedade de Aracy nos diversos meios artísticos, sua não dedicação exclusiva ao rádio ou mesmo à vida artística, talvez possam explicar a decepcionante ligação que é feita entre ela e as cantoras do rádio.

Nosso próximo descritor: a MALANDRAGEM. Aracy de Almeida foi esculpida dentro da cultura da malandragem desde que conheceu Noel Rosa. Este, por sua vez, gostava dos botequins e dos prostíbulos, ambientes que exerciam grande atração sobre estes personagens urbanos. Segundo Aracy, “ele, Noel, tinha a voz muito pequena e precisava de mim para interpretar suas músicas quando empunhava o violão” (ANTÔNIO, 1996, p. 110). Com este descritor, na plataforma Google Acadêmico, encontramos um total de 8.440 resultados. Foi necessária uma cuidadosa sistematização para se chegar à “Malandragem carioca”, dada a polissemia da expressão. Em sua maioria, os trabalhos recentes são dirigidos aos malandros golpistas da atualidade: ao malandro político, aos estelionatários etc. Assim, se justifica o grande número de citações da palavra “malandragem”.

Entretanto, o artigo *Alegria: passarela da malandragem*, Majadas (1999) conta um pouco a história da malandragem. Como se formaram os primeiros grupos, o que os motivava, o jeito de viver se utilizando de expedientes, as manhas e artimanhas etc. O artigo faz uma incursão pelo lado antropológico do fenômeno, analisando a miscigenação e a formação étnica do brasileiro (MAJADAS, 1999).

²² Dener Pamplona de Abreu foi um dos precursores da alta-costura no Brasil. Nos anos 1960 foi estilista da primeira dama Maria Teresa Goulart e um dos maiores indicadores de tendências no país naquela década. Faleceu em 1978, devido a problemas com alcoolismo.

Outro texto, *De rapaz folgado a malandro sambista profissional: a apropriação da malandragem em sambas de Wilson Batista*²³ e Noel Rosa (GASPAROTTO, 2012). Aqui um tema recorrente na história da música brasileira, a rivalidade (musical) entre dois compositores da década de 1930: Noel Rosa e Wilson Batista. No meio dos compositores estava Aracy de Almeida, amiga de Noel e também amiga de Wilson Batista. De fato, gravou algumas músicas de Batista após a morte de Noel Rosa. Mas nunca o considerou, disse em inúmeras entrevistas, à altura do Poeta de Vila Isabel.

O descritor NOEL ROSA nos apresentou 47.000 resultados. Ao colocar aspas chegamos a mais de 15.000 resultados. Seria necessária uma filtragem dirigida a Aracy para objetivação da triagem. O primeiro título de trabalho refere-se ao livro *Noel Rosa: o humor na canção* (PINTO, 2012). Seguiram-se várias citações apenas do nome do compositor e títulos que, claramente, passavam longe do nosso interesse de pesquisa. Escolhemos dois títulos de artigos que, a partir da leitura resumida, poderiam nos trazer informações importantes: *O samba e a invenção da música popular brasileira* (FENERICK, 2007) e *A música brasileira na década de 50* (NAPOLITANO, 2010). Ambos, exploram bastante a obra de Noel Rosa e trazem fatos sobre Aracy de Almeida.

Outro descritor, “RADIODOCUMENTÁRIO”. Obtivemos 212 títulos como resultado geral. A partir de uma observação inicial, detectamos a pouca fertilidade da maioria dos artigos sob este descritor, devido à quantidade de assuntos não pertinentes à nossa pesquisa. Buscamos como critério específico, aqueles que falavam sobre produção de radiodocumentários ou música, ou ainda um *making off* etc. Selecionamos dois títulos: ambos falam sobre a logística da produção radiofônica, importância do gênero na comunicação, a posição acadêmica diante do ensino sobre a radiodifusão etc. São eles: *Documentário radiofônico: relato de uma experiência com alunos de graduação* (PORTARI, 2012) e *Memórias: o rádio em minha vida* (FOGAÇA; REIS; PEREIRA, 2015).

²³ Compositor brasileiro, frequentador da boêmia carioca, contemporâneo e rival de Noel Rosa, protagonizando com este, grandes batalhas de composições que se desafiavam: um compunha o outro respondia. Também foi amigo de Aracy de Almeida e faleceu no Rio de Janeiro em julho de 1968.

Portal Intercom - Com esta ferramenta, sob o descritor “ARACY DE ALMEIDA” obtivemos apenas um resultado: *O Programa Casé: música e cotidiano* (FARIAS, 2015)²⁴. Este foi um dos principais programas de rádio, de 1932 a 1951, contemporâneo ao sucesso de “Araca”. Abriu espaços para compositores e cantores, lançou a propaganda cantada (*jingles*) e tornou-se um marco na história da radiodifusão brasileira. O artigo analisa através de arquivos sonoros, questões históricas que envolviam o rádio ao chegar ao Brasil.

Passamos então à busca de nosso segundo descritor, CANTORAS DO RÁDIO. Também obtivemos como resultado apenas um trabalho, que já se encontrava elencado em nossa pesquisa: *Carmem Miranda: o sistema de radiodifusão e o samba* (SANTO, 2016).

MALANDRAGEM – Encontramos surpreendentemente, 40 resultados. Pelo critério da importância e identificação com o contexto de nossa pesquisa eliminamos grande parte. Nos interessou, entretanto, o título *O samba veste casaca: o samba de exaltação como "locus" discursivo da brasilidade no Estado Novo* (PEREIRA, 2015). Neste artigo, os pesquisadores revelam a política nacionalista imprimida pelo governo de Getúlio Vargas, utilizando-se do samba. Seu processo de transformação em elemento de valorização nacional, aproveitando-se da radiodifusão e, ao mesmo tempo, a sofisticação da figura do malandro com a supressão da navalha, da camisa listrada e do chapéu panamá. O Estado Novo tentaria transformar o malandro, da zona do mangue e das noites boêmias, num exemplar trabalhador através de campanhas institucionais e de composições musicais. A este respeito, podemos afirmar que a partir da assunção do samba como música de massa, o regime varguista estimulou os compositores a elogiarem o patriotismo e o civismo em suas obras. Surgia uma nova representação sonora no país, oriunda da inteligência de um governo totalitário, caracterizada pelos sambas de exaltação. Exemplo disso é a música *Aquarela do Brasil* que Aracy de Almeida gravaria originalmente, mas não gravou. “Culpa do gringo cabeça-dura que dirigia a gravadora Victor, selo em que era contratada”, diz Logullo (2014, p. 94), em seu livro *Aracy de Almeida: não tem tradução*.

²⁴ O Programa Casé, produzido por Ademar Casé deu forma à comunicação radiofônica brasileira. Por isso, ele é considerado o introdutor do entretenimento de massas no país. Era um programa de variedades, com teatro, humor, cantores etc. Foi o introdutor dos *jingles*, propagandas cantadas e comerciais dramatizados (interpretados por rádio-atores). Detalhe é que, Ademar Casé nunca foi apresentador do programa. Atuava sempre nos bastidores, produzindo e criando.

É nesta atmosfera que o maestro Radamés Gnattali substituiu certos signos do ritmo por instrumentos de sopro, desenhando um novo perfil harmônico ao samba. Aracy de Almeida é contemporânea deste período relatado no artigo e, este é um dos motivos pelos quais o escolhemos.

Outro artigo: *Abram alas, uma história sobre as marchinhas*. No texto, Abdala, Fonseca e Mainenti (2015) descrevem uma pesquisa histórica sobre as marchinhas e o carnaval, para produção de um documentário cinematográfico. Dado o envolvimento de Aracy de Almeida com o carnaval, tiramos proveito deste trabalho.

Com o descritor “NOEL ROSA” no Portal Intercom obtivemos 18 resultados. Três títulos já selecionados em nosso levantamento (com outros descritores e/ou postados como periódicos), se repetiram. Escolhemos, obedecendo os critérios já citados, os seguintes: *Programa Casé: as estrelas e seus ouvintes* (FARIAS; FERNANDES, 2014). Já falamos aqui sobre o pioneirismo dos programas de Casé na edificação da radiofonia brasileira. Escolhemos ainda o artigo *A construção da identidade através das narrativas radiofônicas* (MODESTO; GUERRA, 2010). Este artigo traz a história dos primórdios do rádio com as emissoras cariocas e depois com as cantoras que foram as rainhas e responsáveis pelo início da relação com os fãs na primeira metade do século passado.

Por último, com o descritor “RADIODOCUMENTÁRIO”, no PORTAL INTERCOM, encontramos 37 resultados, sendo a maioria deles repetidos. Somente um resultado que pudesse figurar em nosso levantamento, *Contraponto: uma reflexão sonora sobre a música* (MELHADO, MAKIOLKE, 2009) nos mostra a logística de produção sobre o radiodocumentário de longa duração, além de traçar análises periféricas sobre a música e os profissionais de rádio. Passemos a analisar nossos descritores por outra plataforma de pesquisa.

Associação Nacional de História - Na plataforma da ANPUH, com o descritor ARACY DE ALMEIDA obtivemos nove resultados: o primeiro título, *Biografando ou historiografando o samba?* (BENZECRY, 2010) é um artigo sobre a pesquisa biográfica e não sobre os cantores ou suas músicas. No segundo artigo, *A canção popular e a materialidade da voz, um desafio historiográfico* (ALMEIDA, 2015) entendemos que o pesquisador tentava fazer um caminho inverso daquele que pretendemos para contextualização da nossa pesquisa: tentava conhecer as músicas e cantores, conjuntamente, para entender uma época. Nós, ao contrário,

estudamos a época para compreender e situar a nossa personagem-objeto no tempo e no espaço. Assim, o descartamos.

Selecionamos *A canção no feminino* (MURGEL, 2011), por abordar um conflito de gênero que queremos compreender, exatamente no início do século XX. Depois, selecionamos um artigo que fala sobre o bar, reduto da boemia e dos seresteiros, onde também entendemos se encaixar Aracy de Almeida. E por último sob este descritor, escolhemos um artigo sobre Paulinho da Viola²⁵ (GUIMARÃES; SANTOS, 2009), com quem Aracy manteve relação de amizade e fez vários shows. Os demais textos se estreitam por algumas especificidades que nos distanciam do interesse primordial deste trabalho.

Sob o descritor NOEL ROSA, encontramos 35 resultados e muitos títulos repetidos. Uma pesquisa que nos chamou atenção foi da autora Mayra Pinto (2011), intitulada *Noel Rosa, profissão sambista*.

Selecionamos ainda, *A malandragem pede passagem num trem da central* (DANTAS; CARVALHO, 2003), por abordar a vida de músicos e malandros na sociedade carioca na era Vargas. Além disso, Noel, compositor e amigo de Aracy, é tema corrente no referido texto.

Nosso novo descritor – MALANDRAGEM - Encontramos 85 resultados. Vivemos numa sociedade em que, ser malandro é sinal de banditismo e desvio de caráter. Este não é o conceito que procuramos. O malandro em questão, é aquele citado por Machado de Assis e João do Rio, como o “carioca que não tem o mesmo afinco político que demonstra pelas festividades” (DINO, 2017). É aquela típica figura popular, sempre envolvido com mulheres, jogos de azar e bebida, oriundo dos morros e da periferia, bastante afeita à vadiagem e às rodas de samba.

Para maior compreensão do termo recorreremos à obra de Sidney Chalhoub que, em sua obra *Trabalho, lar e botequim - o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*, nos transporta para a sociedade carioca do fim do século XIX. Com a abolição e proclamação da república, o Rio de Janeiro inicia um período de transformações compatíveis com as das grandes metrópoles mundiais. A capital do país buscava afirmação de uma nova identidade nacional. Nesta época, o mercado capitalista também experimentava uma reconstrução estruturada em novos

²⁵ Paulo César Batista de Faria, cantor, compositor e violonista brasileiro. Figura das mais representativas do samba e integrante da ala de compositores da Portela, escola de samba tradicional do Rio de Janeiro. Desfrutou de grande amizade com Aracy de Almeida, fazendo com ela vários shows, pelo Rio de Janeiro e São Paulo.

padrões impostos pelas recentes modificações na hierarquia social. A abolição aumentou o contingente de pobres e desocupados pelas ruas, ao mesmo tempo em que a imigração aumentava, tendo em vista as promessas de uma terra em desenvolvimento. Assim, os estrangeiros, especialmente os portugueses, a cada dia desembarcavam em maior número na capital federal e tinham como objetivo primordial a busca de trabalho e gerou, o que Chalhoub chamou de *rivalidade étnica e nacional*. Esta, era composta por portugueses e brasileiros brancos ou não-brancos que compunham a nova classe trabalhadora do Rio de Janeiro. Os últimos eram os migrantes das secas, alguns soldados sobreviventes de Canudos e, a maior parte, eram os libertos vindos de vários pontos do país incluindo os que vinham da Bahia. Eles instalavam suas casas sobre o morro do Estácio de Sá, pois desejavam fixar-se ali perto, na região do cais do porto, onde poderiam se engajar no descarregamento de algum navio vindo do estrangeiro

Com o mercado em movimentação, estava claro que o número de vagas de emprego não correspondia à demanda diária, consequência do grande fluxo de pessoas na capital federal. Como agravante desta situação, os operários que se empregavam, deveriam submeter-se a salários irrisórios, o que dificultava ainda mais a sua sobrevivência. Então, alguns começaram a se aventurar como ambulantes, jogadores profissionais, biscateiros etc. Ainda como resultado desta rivalidade étnica e nacional, neste período agravou-se a mendicância diante do número crescente de desocupados. O autor também aborda outras dificuldades, como as das classes dominantes em terem de se reinventar através de uma nova ética de trabalho, a competição entre trabalhadores e o acirramento dos confrontos entre nacionais e estrangeiros (CHALHOUB, 1986).

O fato é que o Rio de Janeiro, apesar das questões sociais pendentes respirava novos ares e a partir de 1889, começou a se espelhar no desenvolvimento das capitais européias. Assim, iniciou uma reforma urbana e cultural rumo à modernidade. Era o Distrito Federal da República Federativa do Brasil buscando uma nova identidade, adaptando-se aos novos dilemas populacionais que vivia.

O samba ganhou espaço a partir das vozes que vinham dos morros, firmando-se como trilha destas novas camadas ao mesmo tempo em que a crônica, ganhava espaço nos periódicos e folhetins da cidade dando um toque de leveza a toda aquela penúria que era a luta pela sobrevivência. Escritores ganharam popularidade pela linguagem descontraída e, principalmente, pela pitada de humor

que imprimiam em seus textos. Tratavam ora de política, ora de sociedade e pouco a pouco foram ganhando espaço na opinião pública através de suas crônicas. Dentre os principais escritores daquela época merecem destaque Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto. Foi Machado de Assis, que ao discutir o conceito de “permanência”, e analisando o modo descrente com que o trabalhador daquela sociedade se relacionava com o poder público, começou a definir alguns patrimônios materiais e imateriais da cidade do Rio de Janeiro. Phrygia Arruda, pesquisadora e professora da UFRJ, afirma que Machado de Assis, em suas colunas, caracterizava o carioca, como comemorativo, descompromissado, politicamente apático e descrente. Afirma ainda que o escritor, definia a cidade do Rio de Janeiro como festeira, politicamente pouco calorosa, berço da intelectualidade e da preguiça, sintonizando-se assim com sua população (ARRUDA, 2013).

Entretanto, foi João do Rio, quem abordou diretamente o tema da malandragem carioca. Ele pesquisou expressões urbanas utilizadas pelo tipo, além da forma displicente de se impor ou de se destacar diante de um grupo. Assim, o negro desempregado, habitante do morro ou da periferia, sem ocupação, fugindo das pressões que a sociedade lhe impunha encontrou um estilo próprio de viver. O fato é que a mistura de culturas com os embates sociais e políticos emergentes, mais a verve criativa de alguns intelectuais, perfilaram logo nos primeiros anos do século XX, um novo naipe social naquela república. Surgia a figura do malandro com traços fortes de brasilidade, boêmio, conquistador, sempre acompanhado de muitas mulheres e bebida, figura constante dos bares e botequins, pouco dado ao trabalho e presença marcante nas rodas de samba. Inicialmente vestindo-se com distinção para frequentar as inúmeras festividades noturnas da capital federal, como expressa a letra do samba “Lenço no pescoço” de Wilson Batista (MATOS, 1982):

Meu chapéu do lado
Tamanco arrastando
Lenço no pescoço
Navalha no bolso
Eu passo gingando
Provoco e desafio
Eu tenho orgulho
Em ser tão vadio (BATISTA, 1933).

Sobre o terno de linho branco, a camisa listrada, sapato bicolor e navalha no bolso a escritora Cláudia Matos justifica que, era a fantasia que o malandro usava o ano inteiro para esconder que era um oprimido (MATOS, 1982, pg.65). Zeca Ligiero, teatrólogo e escritor, em seu livro *Malandro e Divino*, argumenta que para deixar de ser identificado com um qualquer, com um pé-de-chinelo, o malandro investe na própria imagem (LIGIÉRO, 2004, pg.91). O fato é que o terno de linho branco se tornou característico da figura do malandro, com sua elegância e conforto, agregando, neste particular, um outro status ao indivíduo, pois lutar a capoeira sem sujá-lo demonstrava que ele se distinguia em habilidade.

O samba ganhou espaço a partir de 1920 com o impulso dado ao mercado musical pelas gravações fonográficas, entre aquela classe social recém-formada. Era conhecido como a “voz do morro”. Surgiram compositores e intérpretes que cantavam a problemática cotidiana e também o amor. Assim, samba e malandragem se entremearam na imagem do carioca. Nessa época, as artes, especialmente a música e o teatro de revista, iniciaram um intenso intercâmbio segmental, aproveitando a fertilidade do momento, para auxílio na formação da cultura de massa da então capital federal. Várias peças ostentando a malandragem como protagonista chegaram à praça Tiradentes. Tipos malandros ganhavam espaço no palco e no humor radiofônico. A revista *Seu Julinho Vem*, escrita por Freire Júnior, contava com enorme sucesso em 1929, a história de um protagonista que descobre a malandragem representada nas diversas camadas sociais.

O escritor Antônio Cândido, em sua *Dialética da Malandragem* (caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias), observa que o autor do livro, Manoel Antônio de Almeida, descreve o personagem Leonardo Filho como esperto e detentor de uma forma ardilosa de se dar bem. Para Cândido, ele foi o primeiro malandro brasileiro, já que o livro foi publicado em 1854. O autor do texto compara o protagonista da trama literária de Almeida, com o pícaro espanhol discorrendo sobre semelhanças e diferenças, aproximando-o muito, da personagem que dominaria bares, salões de jogos e o baixo meretrício da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX: o malandro carioca (CÂNDIDO, 1970).

Merece também citação o escritor Mário de Andrade com Macunaíma (1928) que ajudou a esboçar a figura do malandro através do indivíduo excluído da mentalidade mercadológica da recém proclamada república, que contrariava a rotina do trabalhador ordinário e quebrava a disciplina social em função de uma história de

desigualdade. Note-se que, neste contexto, o malandro passa a ser representado por uma série de discursos que ora o combatem, colocando-o à margem do sistema e ora o convertem em estereótipo positivo de uma maneira brasileira de ser.

Em dado momento, jornais e revistas passaram a atenuar a periculosidade dos morros e o samba, a partir da assunção do carnaval como produto de consumo, foi ganhando espaço entre camadas mais abastadas da sociedade. Surgiram outros malandros: os *da arte*, como Oscarito, Grande Otelo e Kid Moringueira e depois, como figura referencial do malandro, surgiu o papagaio Zé Carioca, criado pelos estúdios Disney, porém com inspiração num personagem brasileiro.

A partir de 1937, a capoeira que até então era definida como crime, deixou de sê-lo e alguns compositores passaram a demonstrar a influência governamental em suas letras de música. Tudo isso, como parte de uma política do Estado Novo de inculcar na população o patriotismo através de uma participação estratégica em seu entretenimento. Assim é que, por esta época, o governo Vargas incorporou a Rádio Nacional, que era a expressão radiofônica daquele momento, ao seu patrimônio.

É neste cenário, que encontramos Aracy de Almeida. Acompanhada de atores, pintores, músicos, compositores, cineastas, escritores, ela era vista por bares, boites e casas de jogos convivendo de perto com a malandragem e enfrentando a cultura patriarcal de então, impondo, entretanto, seu gênio forte e cantando com sua voz anasalada, na Zona Sul, na Lapa e no Mangue.

Finalmente, cabe-nos compreender que nossa personagem não tem sido, de maneira geral, objeto de estudos no mundo acadêmico. Procuramos, com isso, explorar ao máximo o tema, a partir de sua vida e obra. Com o Google Acadêmico, conseguimos observar várias ligações de Aracy com Noel Rosa, cantoras do rádio e o samba.

Ao lançar o descritor nas plataformas da INTERCOM e ANPUH, apesar da obtenção de um número bem menor de artigos, conseguimos garimpar títulos inéditos e importantes que em muito puderam colaborar com nossa pesquisa.

As principais obras com o tema Aracy de Almeida, o samba de sua época ou mesmo sobre as cantoras do rádio, vêm sendo escritas por estudiosos da MPB e, também por amigos de jornada que, tendo participado da história resolveram dar sua contribuição. É o caso do compositor Hermínio Bello de Carvalho e do escritor Ruy Castro que, ao lado de João Antônio (1996) colecionam outras biografias de importantes intérpretes de nossa Música Popular Brasileira.

Com os resultados obtidos em nossa pesquisa bibliométrica conseguimos alcançar metas de relevância. As plataformas consultadas se mostraram eficientes e de fácil utilização. Esperamos que a qualidade do produto possa justificar a pesquisa realizada.

3.1.2 Análise de similares

É aquela que se faz de outros produtos, similares ao que se está por realizar. Os similares são divididos em “Temáticos” – de várias maneiras podem contribuir com o desenvolvimento do produto e, de “Suporte”, que pertencem ao mesmo gênero daquele que se pretende apresentar.

A partir desta análise pudemos compreender como os radiodocumentários têm sido tratados segundo a prática cotidiana e a visão de mercado.

Inicialmente, dividimos os similares em **Temáticos** – podendo ser: entrevista, matéria de revista, programa de TV, livro, documentário, artigo etc; e os Similares de **Suporte** que em nosso caso, são os radiodocumentários.

Do ponto de vista metodológico entendemos que a Análise de Similares é importante, principalmente, no que diz respeito aos métodos de comparação.

Assumimos o risco, a partir do início da nossa produção, de buscar uma linguagem mais mercadológica sem, entretanto, nos esquecer de que estávamos no exercício de um trabalho acadêmico. Vamos então aos **SIMILARES TEMÁTICOS.**

3.1.2.1 Similares temáticos

Aracy de Almeida: não tem tradução - Livro, escrito por Eduardo Logullo, lançado em 2014 pela Editora Veneta por ocasião do centenário de nascimento da cantora. Esta obra é um passeio, sem compromisso cronológico, pelos acontecimentos na vida da artista. Nos forneceu traços marcantes de sua personalidade, cuidadosamente alinhados pelo autor.

O autor se inspira em biógrafos e estudiosos da Música Popular Brasileira, como Sérgio Cabral, Zuzi Homem de Mello e Ruy Castro. Logullo busca também as opiniões daqueles que tiveram uma convivência próxima com Aracy de Almeida, casos de: Hermínio Bello de Carvalho, Caetano Veloso e Tico Terpins, do Grupo

Joelho de Porco. Abaixo das referências convencionais, o autor coloca o subtítulo “outras referências” elencando revistas, jornais, TVs, sites, blogs etc.

Tem como ponto forte, as narrativas sobre a intimidade da cantora, que nos permitiram uma construção mental da sua personalidade. Como ponto fraco observamos a falta de cuidado com datas e locais que cada narrativa traz. Este livro foi muito importante à conclusão do nosso produto. Daqui partiram as seguintes pesquisas: a amizade com Carmem Miranda e com Linda Batista; passagens narradas sobre Wilson Batista; a passagem sobre o uso de cuecas envolvendo o poeta Torquato Neto e, finalmente, a relação com Ary Barroso.

História da vida privada no Brasil: capítulos 5 e 7 - Capítulo 5 - Livro da Coleção dirigida por Fernando A. Novais, volume organizado por Nicolau Sevcenko, volume 3, 5ª reimpressão, Companhia da Letras, 2002, capítulo intitulado *Recônditos do Mundo Feminino*, de autoria de Maluf e Mott (2002). Destaca a mulher do início do século XX, buscando seu espaço, tentando se livrar da submissão, numa época marcada por transformações e importantes movimentos sociais. As autoras falam sobre a mulher que já podia ser vista na direção dos carros ou ainda, das ousadas que buscavam um corte de cabelo transcendente para a moda daquele momento. A movimentação da ordem social por uma postura mais avançada das mulheres era novidade que, não raro, deixava as pessoas incomodadas. O início do século XX foi para elas, assim como para a indústria e a tecnologia, um salto para a modernidade e para a renovação das atitudes.

Diante disso, é importante analisar as condições em que Aracy de Almeida se construiu como artista e sob que atmosfera social. O que almejava a mulher naquele momento? Esta via de raciocínio nos auxiliou quanto à ambientação do nosso radiodocumentário.

Em nosso produto buscamos encontrar este clima da mulher moderna que se apresentava no fim dos anos 1920 e início dos anos 1930, através dos textos (argumentos), somados a um suporte adequado das trilhas sonoras. Aracy de Almeida, como já foi dito, nasceu pobre e suburbana tornando-se uma artista, nesse ambiente social inóspito para a mulher que vislumbrava a revolução nas atitudes e que tinha os pensamentos voltados para a modernidade.

Capítulo 7 - Intitulado A capital irradiante, técnica, ritmos e rito do Rio de autoria de Sevcenko (2002). Traz fotos de época, manchetes de jornais e revistas fazendo com que mergulhemos no Rio de Janeiro do final do século XIX ao início do século XX. Como vimos no texto anterior, esta época foi marcada por grandes impactos sociais, revolução de valores, costumes e avanços científicos estupendos. Assim, merecem destaque: O avião, a locomotiva, a chegada do rádio, os primeiros passos da tecnologia de ponta, bondes, zepelim, a revolução feminina com suas primeiras lideranças, costumes, comércio, moda etc.

Foi neste recorte de tempo que Aracy de Almeida nasceu e atingiu o auge de sua carreira como cantora.

Tem como ponto forte a capacidade de nos transportar no tempo com suas narrativas detalhadas. Como ponto fraco destacamos algumas fotos e desenhos de época que, devido ao tamanho e a precariedade da impressão não permitem que observemos certos detalhes.

Para efeito da produção radiofônica que apresentamos a esta banca, como faz aqui o autor, obedecemos a uma ordem cronológica e nos inspiramos no clima que o livro traz.

*Programa Vox Populi: TV Cultura - Programa de entrevista*²⁶ – Produzido por Antonio Carlos Assumpção Silva e Carlos Queiroz Teles, dirigido por Emílio Rodrigues, roteirizado por Regina Barros – Com uma hora de duração, a produção foi apresentada em 1979 e mostrou Aracy de Almeida, sem papas na língua, sem medo de ofender susceptibilidades e familiarizada com as gírias e frases de efeito (PROGRAMA..., 1979).

O programa, dividido em 3 blocos de aproximadamente 20 minutos cada, traz um entrevistador oculto (nota-se claramente, pois no momento das perguntas, o olhar da cantora ficava no vazio), e as câmeras voltadas como holofote para a entrevistada. O estúdio contava com 4 tomadas de câmera sendo uma em cada lateral, outra centralizada e uma quarta geral, focalizando de cima para baixo em distância referencial. Aspectos conhecidos da vida da cantora foram abordados com perguntas pré-estabelecidas.

²⁶ Pode ser acessado, gratuitamente, no Youtube pelo link:
<https://www.youtube.com/watch?v=M6GMp9BJUlw>.

Como ponto forte nos mostrou Araca discorrendo sobre suas qualidades e defeitos, sentimentos etc. Como pontos fracos destacamos as perguntas engessadas que, não permitiram a fluência natural da conversa. Em certos momentos, se assemelhava a um jogo de ping pong.

Tal formato de programa (entrevistador oculto e entrevistado sob as luzes, ouvindo a pergunta), surgiu inspirado nos inquéritos feitos pelos governos ditatoriais com os acusados de subversão. Uma referência neste gênero de jornalismo foi o Homem do Sapato Branco, Jacinto Figueira Júnior²⁷ e o próprio programa Roda Viva, no início de sua produção pela TVE, São Paulo.

Apesar da limitação da produção, em nosso Radiodocumentário aproveitamos várias respostas de Aracy, para justificativa de nossos argumentos.

Aracy de Almeida: ao vivo e à vontade - Teatro Lira Paulistana – Show – Produção de Tico Terpins²⁸ e Zé Rodrix²⁹ – com uma hora e três minutos de duração – 1980. Este show³⁰ traz depoimentos e música. Mostra Aracy muito solta ao cantar as músicas que mais gosta. Aqui mais uma vez, a artista revela não gostar de cantar e que apenas canta porque as pessoas pedem. Neste show ela passa a limpo os clássicos do “Poeta da Vila Isabel”, demonstrando grande satisfação com o repertório. Às vezes interrompe a cantoria e taca uma história das antigas como no momento em que discorre com simplicidade sobre o físico tímido de Noel Rosa: *O Noel era muito fraco... “e tinha muito medo de malandro. Um tal de Zé Pretinho, de vez em quando dava umas bolachadas nele, um tal de Kid Pêpe...”*

O disco pode ser encontrado em sebos e sites especializados, como o Mercado Livre, a um preço médio de 30 reais (ARACY..., 1980).

Em dado momento Tico Terpins, intervém como entrevistador e faz uma sugestão sobre a sexualidade de Aracy e ela, de pronto, rejeita a insinuação do produtor tangenciando com uma outra história sobre a polêmica rivalidade entre Noel Rosa e Wilson Batista. Em outra situação, Aracy procura insistentemente o tom da

²⁷ Músico e radialista. Criou o programa *O Homem do Sapato Branco*, em 1966, que ia ao ar pela rádio e, depois TV Globo. No auge do sucesso, o programa foi interrompido devido a problemas com a ditadura. Depois voltaria, nos anos 1980, passando por várias emissoras de televisão.

²⁸ Líder, violão e voz do Joelho de Porco, grupo de rock que se destacou na década de 1970, amadrinhado por Aracy de Almeida. O grupo foi precursor do movimento punk no Brasil.

²⁹ Cantor, compositor, instrumentista, publicitário e escritor. Foi um dos integrantes do grupo Joelho de Porco, depois acompanhou profissionalmente a dupla Sá e Guarabira. Foi cantor solo do grande sucesso *Soy latino americano* e também dedicou-se aos *jingles* publicitários.

³⁰ O show no Lira Paulistana pode ser acessado em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FjkeXachjEE>.

música e é auxiliada pelo público. O show foi editado 8 anos depois de sua efetiva realização.

Como ponto forte apresenta a autenticidade da cantora com interpretações e depoimentos riquíssimos em detalhes, e ainda uma aura que consagra seu humor junto ao público. Como ponto fraco temos as edições rudimentares e oscilações de qualidade sonora com algumas microfônias destacadas. É também ponto negativo a ausência de vídeo.

3.1.2.2 Similares de suporte

Radiodocumentário: Elas no rádio - Produção encontrada no programete do site da EBC – Rádio Agência Nacional – “*Viva Maria*”, idealizado por Salatiel Cícero, estudante de Comunicação Social na Faculdade Maurício de Nassau, trazendo a luta das mulheres pelos seus direitos e outras questões de gênero que devem ser colocadas sob discussão na atualidade³¹. O Programa Viva Maria é uma referência campo dos direitos da mulher e está no ar desde 2016 (RÉGIA, 2016).

Ouvimos o programete deixado de amostra no site por ocasião da passagem do dia 25 de novembro, dia da não-violência contra a mulher.

O radiodocumentário tem 25 minutos e traz importantes informações sobre as conquistas femininas, conceitos de gênero inéditos na mídia e estatísticas sobre a violência contra a mulher. Foi gravado em bloco único e aproveita de forma singular os minutos de que dispõe com uma explanação interessante sobre o contexto apresentado.

Tem como ponto forte o domínio sobre o assunto e a abordagem direta com linguagem bem inteligível. Como ponto fraco tem as gravações de externa, que parecem abafadas e sem condições de serem compreendidas.

Deste Radiodocumentário aproveitamos a “alma” educativa. Utilizamos a didática da explicação aqui explorada. O rádio de hoje, como foi dito anteriormente, dificilmente se propõe a contar histórias ou discorrer profundamente sobre um tema específico. Os programas de natureza educativa o fazem. São um exemplo a serem seguidos.

³¹ Pode ser acessado, gratuitamente, no site da EBC, com o link:

[http://radioagencianacional.ebc.com.br/direitos-humanos/audio/2016-11/viva-maria-radiodocumentario-celebra-radialistas-em-luta-pelas.](http://radioagencianacional.ebc.com.br/direitos-humanos/audio/2016-11/viva-maria-radiodocumentario-celebra-radialistas-em-luta-pelas)

Radiodocumentário: A história do rádio no Brasil - produzido por José Carlos Borges, Socorro Aragão e Tânia Diniz³², explora aspectos históricos do rádio no país: os artistas, cantoras do rádio, as primeiras transmissões esportivas, noticiários e o salto para novos programas que aconteceu nos anos 1940. O produtor, estudante de comunicação da Universidade Potiguar (UnP), se dedica a aspectos essenciais deste importante meio de comunicação. O programa é dividido em três blocos de 10 minutos, em média, contando no total, com pouco mais de 30 minutos. Não tem patrocínio e tem um custo de produção estimado em R\$ 2.000,00.

Tem como ponto forte a apurada pesquisa histórica e como ponto fraco, a ausência de locução profissional com back ground (trilha sonora), que daria uma maior ênfase ao texto.

Radiodocumentário: Nas ondas do rádio: documentário sobre A Era de Ouro do rádio no Brasil - Produzido pelo aluno da Faculdade de Comunicação, Artes e Design da cidade de Salto (FCAD), SP, Rodrigo Angelotti, o radiodocumentário narra com celeridade a história do rádio, suas conquistas e políticas que o envolveram. Em certo momento, se fixa na história das atrações do rádio revelando nomes de locutores e emissoras de destaque. Tem apenas 11 minutos e 31 segundos de duração e pode ser colocado na lista dos argumentos sedimentados em pouco tempo com importante alcance³³. Destaca a divisão entre rádio AM e FM e inclui os ídolos de ambos os segmentos traçando um perfil dos ouvintes e dos respectivos estilos adotados (NAS ONDAS..., 2017).

Tem como pontos fortes a narração histórica do texto, que revela domínio e pesquisa aprofundada sobre o assunto, a apresentação casada com os BGs absolutamente adequados e, em determinados momentos fazendo um acoplamento voz – BG, bem ao estilo das operações de áudio dos anos 1960 e 1970, criando um clima de rádio retrô à narrativa. Como pontos fracos, tem algumas interferências sonoras nas gravações de externa, causando distorção e confusão, impactando negativamente a qualidade do som.

³² Pode ser encontrado, gratuitamente, no Youtube, no link:
<https://www.youtube.com/watch?v=Hx47AcpzNko>.

³³ O radiodocumentário de Angelotti pode ser acessado, gratuitamente, no link:
<https://www.youtube.com/watch?v=O-YBu4y2AXI>.

Do ponto de vista do nosso produto, a exemplo do que vimos aqui, procuramos dominar o assunto e não utilizar nada mais do que necessitamos para contar a nossa história. O minimalismo no rádio, desde que não comprometa a mensagem comunicacional, pode trazer resultados muito compensadores.

Radiodocumentário: Radionovelas no Brasil - Um programa experimental das alunas Letícia Leite e Paloma Lourenço, das Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, de excelente conteúdo e pesquisa, contando a história das radionovelas em nosso país. O programa foi produzido em 2015³⁴. A locução, não profissional, é bem conduzida por Letícia Leite e marcada por várias entrevistas de personagens importantes daquela época, como Vida Alves³⁵ e Dayse Lucidi.³⁶ As produtoras relembram a “Palmolive” e também a “Colgate”, duas tradicionais patrocinadoras das novelas de rádio. As alunas também entrevistam atores que migraram do rádio para a TV, questionando sobre as principais diferenças entre ambos (RADIONOVELAS..., 2014).

O programa traz ótimo corpo histórico, demonstrando uma pesquisa detalhada e, ao que parece, um árduo trabalho com as entrevistas (de boa qualidade). Tem uma estimativa de custo de R\$ 2.000,00 (Dois mil Reais), uma vez que uma das alunas cuidou da locução e a outra da edição, que foi realizada em um bloco compacto de 13 minutos e 11 segundos, sem intervalos.

Apresenta uma fragilidade marcante na edição, com desníveis de modulação e ausência de padrão nas transições de blocos (externas para estúdio e vice-versa). Ainda assim, a produção se sobressai pelo zelo com o conteúdo. Buscamos em nosso produto, ter o cuidado que as alunas Letícia e Paloma tiveram para contar a sua história.

³⁴ O documentário pode ser acessado gratuitamente pelo link:
<https://www.youtube.com/watch?v=JckBws0wWQ4>.

³⁵ Vida Amélia Guedes Alves – Escritora e radioatriz, uma das pioneiras nas artes dramáticas do país, tanto no rádio como na televisão. Faleceu em janeiro de 2017 em São Paulo, SP.

³⁶ Daisy Lúcidí – Atriz e radioatriz, tendo começado sua carreira no rádio aos seis anos de idade declamando poemas. Estrelou radionovelas ao lado de John Hebert, Paulo Gracindo e Mário Lago na época de ouro da Rádio Nacional. Em 2014 trabalhou, pela Rede Globo, na mini-série Babilônia.

3.2 Pré produção Procedimentos

3.2.1 Pesquisa sonora

É o levantamento musical para sonorização, objetiva a estética do produto (composição do radiodocumentário) e diz respeito à pesquisa dos sons de época como vinhetas, entonação de locução, BGs, etc. Incluem-se aí a pesquisa das músicas que Aracy gravou ao longo da carreira (repertório) e também as entrevistas, concedidas.

3.2.2 Produção do radiodocumentário

- a) Roteirização - É a estruturação do produto com textos adequados, traçando o contorno estético de seu objeto de pesquisa. Na roteirização o pesquisador enfrentará o desafio de mapear graficamente os conhecimentos adquiridos.
- b) Escolha de profissionais, orçamento e contratação (produto) - Para que se tenha um produto de qualidade é importante contar com profissionais qualificados. No caso deste produto, levando-se em consideração que a produção do programa ficou a cargo do pesquisador, necessário foi a contratação de um estúdio, com técnico de gravação, editor (que normalmente é o técnico de gravação) e um locutor. A partir daí o detalhamento do orçamento é necessário e pressupõe, em regra, especificação do produto ou serviço a ser prestado, a respectiva quantidade, a referência (dúzia, centena, hora, dia) preço unitário e preço total.
- c) *Produção de peças (abertura, teasers de passagem, vinhetas e encerramento)* - Este trabalho nasce da criação do pesquisador (responsável pelo produto) e expressa-se pela interpretação do sonoplasta (técnico de gravação). Assim, cabe ao pesquisador, que neste caso, exerceu a produção, a partir de elementos pesquisados, criar as aberturas, teasers e demais peças, roteirizar tal criação e dá-la em execução ao sonoplasta.

- d) *Gravação e edição de locução* - De posse dos textos, já cronometrados, o pesquisador dirige a gravação, junto ao técnico de som e locutor. A personalidade do produtor, nesta fase, fica em evidência não só na abordagem do tema, como também na entonação exigida para as locuções e na dinâmica de voz, emparelhada com o andamento das trilhas sonoras.
- e) *Edição do radiodocumentário* - Mais um trabalho em dupla do produtor com o editor. Aqui ocorre a montagem do “quebra-cabeça”. Produtor e editor devem estar atentos à dinâmica do radiodocumentário, não deixando que a monotonia (da lentidão ou mesmo da rapidez excessiva), o tornem fatigante.
- f) *Finalização do produto* - no caso do radiodocumentário são audições realizadas com os profissionais envolvidos, no sentido de encontrar um ou outro detalhe restante para arrematar a produção. Também nesta fase, está a amostragem do produto feita ao orientador da pesquisa para que ele faça a checagem final antes da defesa.

4 EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE

4.1 Orçamento do radiodocumentário

Para a realização do radiodocumentário em questão, não foi incluído o preço de produção uma vez que tal tarefa coube ao pesquisador. O cálculo abaixo foi efetuado conforme estimativa de preço de mercado.

Quadro 1: Orçamento dos radiodocumentários

Aluguel /Estúdio de Gravações	1 hora	R\$ 400,00
Efetivas	20 horas	R\$ 8.000,00
Hora de locução – Locutor de textos	1 hora	R\$ 500,00
Efetivas	3 horas	R\$ 1.500,00
Hora de locução – Locutor de registros	1 hora	R\$ 500,00
Efetivas	1 hora	R\$ 500,00
Hora de locução – Locutora de registros	1 hora	R\$ 500,00
Efetivas	1 hora	R\$ 500,00
Hora de edição	1 hora	R\$ 200,00
Efetivas	12 horas	R\$ 2.400,00
1 Pendrive – 8 GB – Hospedagem		R\$ 40,00
Custo total dos 2 Radiodocumentários		R\$ 12.940,00

Fonte: Elaboração própria.

4.2 Divulgação e distribuição

A experiência na Rádio Universitária, ligada à Diretoria de Comunicação (DIRCO) da UFU, fez com que criássemos uma conexão com várias emissoras de cunho educativo em todo o país, o que pode facilitar a divulgação em muitas delas. A personagem Aracy de Almeida suscita curiosidade e funciona como atrativo aos amantes da Música Popular Brasileira sob vários aspectos.

Cumprir lembrar que, devido ao caráter educativo do radiodocumentário pode-se contar com a Rede IFES, que é um projeto surgido em 2003, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o objetivo de viabilizar o intercâmbio das produções audiovisuais entre as Instituições Federais de Ensino Superior. A Rede IFES funciona da seguinte maneira: as produções audiovisuais são depositadas numa plataforma digital e ali, ficam expostas para uso livre de todos os educandários que

fazem parte da referida rede. Funciona, portanto, como uma plataforma de permuta livre, da criação audiovisual das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) (UFPR, [2017]).

Importante também, distribuir o Radiodocumentário entre os sites especializados em Música Popular Brasileira e entre músicos, críticos e pesquisadores do segmento.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Sarah; FONSECA, Taiana; MAINENTI, Geraldo Marcio Pesres. *Abram alas: uma história sobre as marchinhas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. [Anais...] São Paulo: Intercom, 2015. p. 1-8. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3177-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- AI! QUE SAUDADE da Amélia . In: WIKIPEDIA. 1 nov. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ai!_que_saudade_da_Am%C3%A9lia>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ALMEIDA, Angela Teixeira de; SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Não falem dessa mulher perto de mim: representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/artigo_3_secao_live_Angela_Teixeira_de_Almeida_e_Lucia_Helena_Oliveira_Silva_fenix_jan_jun_2017.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ALMEIDA, Aracy. **Contra-luz**: parte 1. Entrevista concedida a Hermínio Bello de Carvalho. Rio de Janeiro: TVE, 1987a. Especial TVE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rJb8WpOQ_CM>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ALMEIDA, Aracy. **Contra-luz**: [parte 2]. Entrevista concedida a Hermínio Bello de Carvalho. Rio de Janeiro: TVE, 1987b. Especial TVE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FrSGi9qVnTs>>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ALMEIDA, Tereza Virginia de. A canção popular e a materialidade da voz: um desafio historiográfico. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2015. p. 1-9. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434389862_ARQUIVO_Acancaopopulareamaterialidadedavoz.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ANTÔNIO, João. **Dama do encantado**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- ARACA: o samba em pessoa. Direção de Aleques Eiterer. Rio de Janeiro, 2014. Documentário cinematográfico. Curta metragem.
- ARACY de Almeida: ao vivo e à vontade. Produção de Tico Terpins e Zé Rodrix. 1980. Show gravado ao vivo no Teatro Lira Paulistana, São Paulo. Áudio (1 h 03 min 32), son. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FjkeXachjEE&t=2117s>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

ARRUDA, Phrygia. **O jeito carioca de ser, um patrimônio cultural intangível?** Arqueologia dos sentidos de uma cidade. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 159-169, nov. 2013.

AVANCINI, Marta Maria Picarelli. **Na Era de Ouro das Cantoras do Rádio**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BAUMWORCEL, Ana. CD: um suporte privilegiado para o documentário sonoro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 14., 2001, Campo Grande. [**Anais...**] São Paulo: Intercom, 2001. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6BAUMWORCEL.pdf>> . Acesso em: 25 nov. 2017.

BELÉM, Euler de França. Livro resgata história de Aracy de Almeida, cantora admirada por Mário de Andrade e Paulinho da Viola. **Jornal Opção**, ed. 2.074, 5 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/livro-resgata-historia-de-aracy-de-almeida-cantora-admirada-por-mario-de-andrade-e-paulinho-da-viola-32338/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BENZECRY, Lena. Biografando ou historiografando o samba? In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2010. p. 1-9. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276582399_ARQUIVO_a_rtigo_anpuh2010.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BORGES, Paola Giuliana. **Cantoras do rádio e mulheres**: um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017.

BORSALI, Carlos. **A Dama da Central**: biografia oficial de Aracy de Almeida. [S.l.]: Fórum Internacional de Publicações Digitais, 2016. E-book.

CALABRE, Lia. **A era de Ouro do Rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALLADO, Carlos. **Tropicália**: a história de uma revolução musical. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e Crianças** na imprensa paulista (1920 - 1940). São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Dialética** da Malandragem, Rio de Janeiro, 1970.

CARVALHO, Carlos André Rodrigues de. A voz do morto: Caetano Veloso e a transgressão da idéia de identidade nacional difundida pelos compositores de samba da década de 1960. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E MÚSICA POPULAR, 4., 2012, São Paulo. [Anais...] São Paulo: USP, 2012. p. 1-13. Disponível em: <http://musica.ufma.br/musicom/trab/2012_GT3_01.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CARVALHO, Herbert. **O samba em pessoa**. 9 mar. 2014. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/7389_O+SAMBA+EM+PESSOA>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CARVALHO, Hermínio Bello de. **Araca**: Arquiduquesa do Encantado. Um perfil de Aracy de Almeida. Rio de Janeiro: Folha Sêca, 2004.

CASTRO, Ruy. **Carmen**. A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: a história e as histórias da Bossa Nova. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Ruy. **A noite do meu bem**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015a.

CASTRO, Ruy (Org.). **Taberna da Glória e outras glórias**: mil vidas entre os heróis da música brasileira. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015b.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim** - o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Rio de Janeiro: editora brasiliense, 1986.

CRUVINEL, Gilberto. 25 perguntas para a Dama do Encantado: Aracy de Almeida. **GGA**: o jornal de todos os Brasil, 19 nov. 2010. Blog. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/gilberto-cruvinel/25-perguntas-para-a-dama-do-encantado-aracy-de-almeida>>.

DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do rádio**. Uberlândia: Edufu, 2005.

DANTAS, André Vianna; CARVALHO, Maurício Brito. A malandragem pede passagem, num trem da Central. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Caderno de resumos**... Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.063.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

DINO. Você sabia que a história do Malandro Carioca, um dos principais personagens do Carnaval começou com Machado de Assis? **Estadão**, Rio de Janeiro, 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/releases-ae,voce-sabia-que-a-historia-do-malandro-carioca-um-dos-principais-personagens-do-carnaval-comecou-com-machado-de-assis,70001677210>> Acesso em: 204 nov. 2017.

FARIAS, Michele Wadja da Silva. O Programa Casé: música e cotidiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. [Anais...] São Paulo: Intercom, 2015. p. 1-14. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3594-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FARIAS, Michele Wadja da Silva; FERNANDES, Silvana Torquato. Programa Casé: as estrelas e seus ouvintes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. [Anais...] São Paulo: Intercom, 2014. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2014-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação**. Rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FENERICK, José Adriano. Noel Rosa, o samba e a invenção da Música Popular Brasileira. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/486/355>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FOGAÇA, Karoline Messias; REIS, Geysica Caetano; PEREIRA, Ariane. **Memórias**: o rádio em minha vida. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 16., 2015, Joinville. **Anais...** Joinville: IntercomSul, 2015. p. 1-8. Trabalho apresentado na 22ª Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/expocom/EX45-0191-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FREITAS, Jacqueline Maria; FRAZÃO, Idemburgo. O lar e o palco na Era do Rádio: a identidade feminina em A estrela sobe, de Marques Rebelo. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 669-685, 2013.

GARCIA, Lauro Lisboa. Aracy de Almeida completaria 100 anos nesta terça-feira. **Estado**, 18 ago 2014. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,aracy-de-almeida-completaria-100-anos-nesta-terca-feira,1545837>>. Acesso em: 10 out. 2018.

GASPAROTTO, Lucas André. De “rapaz folgado” a “malandro-sambista-profissional”: a apropriação da malandragem em sambas de Wilson Batista e Noel Rosa. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA, 11., 2012, Rio Grande. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2012. p. 1218-1231. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346248539_ARQUIVO_artigoanpuh_final.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

GUIMARÃES, Valéria Lima; SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. “Eu sou assim”: samba e Rio de Janeiro no documentário “Paulinho da Viola. Meu tempo é hoje”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2009. p. 1-9. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1249.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

LIGIÉRO, Zeca. **Malandro Divino**: a vida e a lenda de Zé Pilintra, personagem mítico da Lapa carioca. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

LEITE, Guto. “Três apitos”: lirismo e violência em Noel Rosa. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 66, p. 160-171, Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742017000100160&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 nov. 2017.

LOGULLO, Eduardo. **Aracy de Almeida**: não tem tradução. Rio de Janeiro: Veneta, 2014.

MAJADAS, Wania. Alegria: passarela da malandragem. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 19, p. 1-8, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636104/3813>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**, 3: República: da *belle époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. cap. 5, p. 368-422.

MATOS, Cláudia. **Acertei no milhar**: malandragem e samba no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

McLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MELHADO, Felipe de Camargo; MAKIOLKE, Cesar Pifer. Contraponto: uma reflexão sonora sobre a música. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10., 2009, Blumenau. [**Anais...**] Blumenau: IntercomSul, 2009. p. 1-6. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-0486-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MODESTO, Cláudia Figueiredo; GUERRA, Márcio de Oliveira. A construção da identidade através das narrativas radiofônicas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2010, Vitória. [**Anais...**] Vitória: IntercomSudeste, 2010. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0365-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: Eduerj; Brasília, DF: UnB, 1991.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. A canção no feminino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-24. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300859244_ARQUIVO_Murgel_AnaCarolinaAT-ACancaonoFeminino.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

NAPOLITANO, Marcos. A música brasileira na Década de 50. **Revista USP**, São Paulo, n. 87, p. 56-73, set./nov. 2010.

NAS ONDAS do rádio: documentário sobre a Era de ouro do Rádio Brasileiro. Radiodocumentário. Direção de Rodrigo Angelotti dos Santos. 2012. 1 vídeo (11 min 30), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-YBu4y2AXI>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. “Beba comigo”: música, boêmia e sentimentalidades nas mesas de bar (1940-1950). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília, DF. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-17.

Disponível em:

<http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502760518_ARQUIVO_BEBA_COMIGO-TEXTOCOMPLETO.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PARANHOS, Adalberto. Além das Amélias: música popular e relações de gênero sob o Estado Novo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 163-174, jul./dez. 2006.

Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29340>>.

Acesso em: 24 nov. 2017.

PARANHOS, Adalberto. Entre o trabalho e a orgia: os vaivéns do samba nos anos 1930 e 1940. **Música Popular em Revista**, Campinas, SP, ano 1, v. 1, p. 6-29, jul./dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/muspop/article/view/29/47>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PARANHOS, Adalberto. Entre sambas e bambas: vozes destoantes no “Estado Novo”. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 179-192, 2007.

Disponível em:

<<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/2228/1589>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PARANHOS, Adalberto. Mulheres do lesco-lesco e do balacobaco: relações de gênero e música popular no tempo do Estado Novo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. [**Anais...**] Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st_site.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PEREIRA, Leandro Ribeiro. Os arranjadores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, décadas de 1930 a 1960. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 157-184, jan./jun. 2012.

PEREIRA, Maria Fernanda de França. O samba veste casaca: o samba de exaltação como "locus" discursivo da brasilidade no Estado Novo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. [Anais...] São Paulo: Intercom, 2015. p. 1-15. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/38188214-O-samba-veste-casaca-o-samba-de-exaltacao-como-locus-discursivo-da-brasilidade-no-estado-novo-1.html>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PESSOA, Sônia Caldas. Radiodocumentário: gênero em extinção ou locus privilegiado de aprendizado? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. [Anais...] São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3504-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PINTO, Mayra. **Noel Rosa**: o humor na canção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

PINTO, Mayra. **Noel Rosa**: profissão: sambista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-16. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1298900736_ARQUIVO_NOEL_ROSA-PROFISSAOSAMBISTA1.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PINTO, Theophilo Augusto. A representação do elemento negro na música brasileira e no rádio da década de 1940. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-13. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300901458_ARQUIVO_NegritudeNacionalidadeRadio\(Anpuh2011\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300901458_ARQUIVO_NegritudeNacionalidadeRadio(Anpuh2011).pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PORTARI, Rodrigo. Documentário Radiofônico: relato de uma experiência com alunos da graduação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 14., 2012, Uberlândia. [Anais...] Uberlândia: UFU, 2012. p. 1-5. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=744&cf=24>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PROGRAMA Vox Populi. Produção de Antônio Carlos Silva et al. São Paulo: TV Cultura, 1979. 1 vídeo (50 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Vgp8ncv5HU>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

RADIODOCUMENTÁRIO: crimes virtuais: prejuízos reais. Produção de Altieres Rohr. Maringá, 2015. 1 radiodocumentário. (17 min), son. Disponível em: <<https://www.linhadefensiva.org/2010/12/ouca-o-radiodocumentario-crimes-virtuais-prejuizos-reais/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

RADIODOCUMENTÁRIO: a história do Rádio no Brasil. Produzido por José Carlos Borges, Socorro Aragão e Tânia Diniz. 24 ago. 2016. 1 radiodocumentário (9 min 27), son., color. Elaborado por alunos do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Potiguar (UnP). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hx47AcpzNko>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

RADIONOVELAS no Brasil (Radiodocumentário). Produzido por Letícia Leite e Paloma Lourenço. 2014. 1 radiodocumentário (13 min 11), son., color. Trabalho elaborado por alunos do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=JckBws0wWQ4>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

RÉGIA, Maria. **Viva Maria**: Radiodocumentário celebra radialistas em luta pelas mulheres. Brasília, DF, 24 nov. 2016. (12 min 32), son. Disponível em:

<<http://radioagencianacional.ebc.com.br/direitos-humanos/audio/2016-11/viva-maria-radiodocumentario-celebra-radialistas-em-luta-pelas>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

RIBEIRO, Juliana Batista. “Quando canta o Brasil”: uma análise das reelstituições ocorridas com o samba nos anos 50. In: ENCONTRO DE MÚSICA E MÍDIA: E(ST)ÉTICAS DO SOM, 5., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ECA, USP, 2009. Disponível em:

<<http://www.musimid.mus.br/5encontro/misc/pdfs/Juliana%20Batista%20Ribeiro.pdf>>. Acesso: 25 nov. 2017.

ROSA, Noel. **Você vai se quiser**. 1936. (2 min 35), son. Disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/noel-rosa-musicas/971196/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SANTOS, Adriana Alves. Carmem Miranda, o sistema de radiodifusão e o samba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-12. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1751-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. **Roteiro para rádio** (introdução ao rádio). São Paulo, set. 2010. Disponível em:

<<http://quilombodosopapo.redelivre.org.br/files/2015/09/Roteiro-para-R%C3%A1dio.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SARAIVA, Daniel Lopes. Alaíde Costa afinal... uma trajetória. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 11., 2015, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2015. p. 1-12. Disponível em:

<http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1436324896_ARQUIVO_AlaideCostaAfinal.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**: 3: República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a. cap. 7, p. 513-617. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/341099591/Docfoc-com-SEVCENKO-Nicolau-A-Capital-Irradiante-Tecnica-Ritmos-e-Ritos-do-Rio-pdf>>.

Acesso em: 24 nov. 2017.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**: 3: República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

TAVEIRA, Leonardo. Intérpretes originais das canções de Noel Rosa: uma comparação de suas pronúncias com as sugestões de pronúncia neutra para o português brasileiro cantado. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 18., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPPOM, 2008. p. 427-433. Disponível em: <http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/posteres/POS350%20-%20Taveira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

TIME MACHINE. 1902-2002: I centenário do disco brasileiro. [2015]. Disponível em: <<http://asdfg-menezes.org/timemachinemain.html>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. TV UFPR. **Rede IFES**. Curitiba, [2017]. Disponível em: <<http://www.tv.ufpr.br/portal/rede-ifes/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

VICTORIA, Ronaldo. Aracy de Almeida, o samba em pessoa. **A Província**, 17 maio 2018. Disponível em: <<https://www.aprovincia.com.br/cultura-entretenimento/emporio-cultural/historia/aracy-de-almeida-o-samba-em-pessoa-25359/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

VIEIRA, Juliana Lessa. O samba e a comercialização da cultura da classe trabalhadora carioca (1916-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364956837_ARQUIVO_Osambaeacomercializacaodaculturacarioca_1916-1930_.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

ZUCULOTO, Valci; LOPES, Débora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil**: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://200.144.189.84/ebooks/arquivos/estudos-radiofonicos-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTÁRIO³⁷

ROTEIRO DE PRODUTO DE PESQUISA – RADIODOCUMENTÁRIO

ARACY DE ALMEIDA - SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930
E 1940

REDATOR: VITOR HUGO DE OLIVEIRA

PRODUTOR: ÍDEM

ORIENTADORA: RAQUEL DISCINI DE CAMPOS

LOCUTOR 1: JORGE SEBASTIÃO DA SILVA

LOCUTOR 2 (DOS REGISTROS ARACYANOS): LÁZARO MARTINS

LOCUTORA: JUSSARA COELHO

OPERADOR DE ÁUDIO – BENÍCIO BATISTA

DATA: 25.11.2017

MATÉRIA: PROGRAMA EDUCATIVO

GÊNERO: RADIODOCUMENTÁRIO

TEMPO: 25 MINUTOS

HORÁRIO DE VEICULAÇÃO: NÃO DETERMINADO

TÍTULO: ARACY DE ALMEIDA – SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940

TÉCNICA – ENTRA O CHORO URUBÚ MALANDRO (versão DE 1914 DE AUTORIA DESCONHECIDA, COM LETRA DE JOÃO DE BARRO). UTILIZAREMOS COMO ABERTURA CEDENDO MIXAGEM PARA O CHORO DO COMPOSITOR GAROTO (1942) - QUANDO DÓI UMA SAUDADE BG PARA PRIMEIRO TEXTO - URUBÚ MALANDRO VOLTA NO ENCERRAMENTO DO RADIODOCUMENTÁRIO. 010”

TECNICA – FADE PARA BG E ENTRA O LOCUTOR

LOCUTOR: APRESENTAMOS, O PRODUTO DE PESQUISA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFU – O RADIODOCUMENTÁRIO... ARACY DE ALMEIDA – SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS MIL NOVECENTOS E TRINTA E MIL NOVECENTOS E QUARENTA SOB

³⁷ Adaptado de Prado (1989) e São Paulo (2010).

ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DOUTORA RAQUEL DISCINI DE CAMPOS

0'20"

PRIMEIRO TEXTO

LOCUTOR – ARACY DE ALMEIDA NASCEU EM MIL NOVECENTOS E QUATORZE, NO ENCANTADO, BAIRRO DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO. COMEÇOU A CANTAR AINDA MENINA NA IGREJA BATISTA ONDE O IRMÃO ALCIDES ERA PASTOR. O PAI, BALTAZAR, CHEFE DE TRENS DA ESTAÇÃO CENTRAL DO BRASIL, EXIGIA QUE OS FILHOS ESTUDASSEM, MAS ARACY, NUNCA FOI MUITO DE ESCOLA, APENAS TERMINOU O ADMISSÃO. GOSTAVA MESMO ERA DE CANTAR PELAS RODAS DE SAMBA DO BAIRRO, PELAS FESTAS E ATÉ MESMO PELOS CENTROS DE MACUMBA. SEM QUE OS PAIS SOUBESSEM, CANTOU NO GRUPO CARNAVALESCO DE MAIOR EXPRESSÃO DAQUELA REGIÃO: O BLOCO “SOMOS DE POUCO FALAR”. A PROPÓSITO, GRAVOU INÚMERAS MARCHINHAS DE CARNAVAL AO LONGO DA CARREIRA

0'52"

TÉCNICA – MÚSICA – A MULHER DO LEITEIRO 3'07"

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE HAROLDO LOBO E MILTON OLIVEIRA, NA VOZ DE ARACY DE ALMEIDA, A MARCHA “A MULHER DO LEITEIRO” **0'8"**

TÉCNICA – ENTRA COM BG – ENGOMADINHO

SEGUNDO TEXTO

LOCUTOR: AOS QUINZE ANOS, ARACY FOI LEVADA PELO VIOLONISTA CUSTÓDIO MESQUITA, À RÁDIO EDUCADORA DO BRASIL, ONDE ALI MESMO PELOS CORREDORES, CONHECEU E CANTOU PARA NOEL ROSA. O POETA DE VILA ISABEL, IMPRESSIONADO COM O QUE ACABARA DE OUVIR, CONVIDOU ARACY PARA QUE FOSSEM ATÉ A TABERNA DA GLÓRIA, ONDE SE REUNIAM, ARTISTAS E INTELLECTUAIS. NAQUELE MESMO DIA, NOEL

COMPORIA UMA MÚSICA EM HOMENAGEM A ARACY DE ALMEIDA – “SEU RISO DE CRIANÇA”. O ENCONTRO SELOU UMA AMIZADE QUE DUROU ATÉ A MORTE DE NOEL. COM ELE, ARACY DE ALMEIDA CANTOU PELA REGIÃO BOEMIA DO RIO DE JANEIRO, CONHECENDO DE PERTO A LAPA E ZONA DO MANGUE, ONDE REINAVAM O JOGO, A BEBIDA E A MALANDRAGEM. 0’50”

TÉCNICA – MÚSICA – SEU RISO DE CRIANÇA 2’51”

O FIM DA MÚSICA É MIXADO COM UMA VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

Sobre sua relação com Noel Rosa, Aracy de Almeida, assim se pronunciou para um certo jornal

LOCUTORA:“É bom deixar dessas mumunhas e ficar claro que eu sempre fui uma mulatinha de bofes azedos, baixinha e que de bom só tinha a voz. Noel gostava de mim, no botequim. Pra cama ele só levava mulata grandona.

TÉCNICA – FIM DO REGISTRO COM VINHETA SONORA

TÉCNICA DIRETO COM O DEPOIMENTO ABAIXO

– OFF – (ENTREVISTA TV CULTURA) – PROGRAMA ENSAIO 1972 – ARACY SOBRE A IMPORTÂNCIA DE NOEL – A PARTIR DE 1’55” – 0’34’

TRANSIÇÃO DO OFF PARA A MÚSICA TRÊS APITOS

TÉCNICA – MÚSICA – TRÊS APITOS 3’08

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE AUTORIA DE NOEL ROSA A MÚSICA TRÊS APITOS, GRAVADA POR ARACY EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA. 0’5”

TÉCNICA – RAPIDAMENTE VOLTA BG ENGOMADINHO 0’2”

TERCEIRO TEXTO

LOCUTOR: CURIOSAMENTE, ARACY DE ALMEIDA, GRAVOU ESTA MÚSICA APÓS A MORTE DE NOEL. NA LETRA O HOMEM APAIXONADO RECLAMA DO TRABALHO DA AMADA EM UMA FÁBRICA, O QUE DEMONSTRA O DOMÍNIO MASCULINO NA ÉPOCA E, AO MESMO TEMPO, CONTRARIA AS ATITUDES DE ARACY. ENQUANTO ISSO, A DAMA DO ENCANTADO ANDAVA COM ARTISTAS E MALANDROS, FALAVA GÍRIAS, BEBIA E SE APRESENTAVA NAS MAIORES BOITES E PIORES BIROSCAS DO RIO DE JANEIRO. CONTRARIANDO A POLÍTICA MACHISTA DO ESTADO NOVO, MESMO ENTRE CERTOS SAMBISTAS, DE RELEGAR A MULHER SOMENTE AOS AFAZERES DOMÉSTICOS, ARACY CANTOU, EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E DOIS, O DRAMA DE UMA LAVADEIRA QUE TRABALHAVA ARDUAMENTE PARA SUSTENTAR O MARIDO QUE QUERIA SOBREVIVER ÀS SUAS CUSTAS. 0'56"
TÉCNICA – MÚSICA – VAI TRABALHAR 2'46

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS NA VOZ DE ARACY DE ALMEIDA – A MÚSICA DE CYRO DE SOUZA, VAI TRABALHAR. 0'5"

TÉCNICA – COLA A VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

Sabe-se que Aracy de Almeida e Ary Barroso viviam entre desavenças e discussões. Numa ocasião encontraram-se os dois no Bar Vilarinho e Ary, lançou a incômoda pergunta: Aracy, por que é, que você me pichou? E aracy mais que depressa:

L O C U T O R A: Ary, meu amguinho, meu amiguinho Ary. Não fui eu quem começou com esse piche pra lá e piche pra cá. Você tem muito inimigo, Ary Barroso. Você torce demais pelo flamengo! Vai ver foi algum vascaíno fanático, por aí."

TÉCNICA – TERMINA REGISTRO COM VINHETA SONORA

TÉCNICA – MIXAR COM DEPOIMENTO AO PROGRAMA ENSAIO A PARTIR DO 6'37".

TÉCNICA – MÚSICA – CAMISA AMARELA 2'23"

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE ARY BARROSO, CAMISA AMARELA 0'5"

TÉCNICA – ENTRA BG ENGOMADINHO 0'5"

QUARTO TEXTO

LOCUTOR: ARACY DE ALMEIDA, ASSINOU SEU PRIMEIRO CONTRATO EM 1935, COM A RÁDIO EDUCADORA DO BRASIL. A PARTIR DAÍ TRANSITOU PELAS PRINCIPAIS EMISSORAS DA ÉPOCA COMO RÁDIO NACIONAL, MAYRINK VEIGA, PROGRAMA CÉSAR LADEIRA, SENDO ACLAMADA, COM SUA VOZ ANASALADA, PELO PÚBLICO E CRÍTICA. LEMBRADA, COMO UMA DAS CANTORAS DO RÁDIO, ARACY DE ALMEIDA, EMBORA GRANDE AMIGA DE CARMEM MIRANDA E LINDA BATISTA, JAMAIS ABANDONOU O MEIO DE VIDA MALANDRO QUE CONHECEU AO LADO DE NOEL ROSA. SE APRESENTAVA, SIM, AO LADO DAS CANTORAS DO RÁDIO, MAS ASSIM QUE FINDAVAM OS COMPROMISSOS, LÁ ESTAVA ELA, A VELHA ARACA, NA ESQUINA DO CAFÉ NICE NUMA ANIMADA CONVERSA COM O AMIGO MÁRIO DE ANDRADE OU MESMO COM ALGUM MALANDRO SEM PEDIGREE. 0'53"

TÉCNICA – MÚSICA FEITIÇO DA VILA 3'08"

TÉCNICA – ENTRA COM VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

Na entrevista concedida ao programa Mosaicos da Tv Cultura de São Paulo, um fã em entrevista de externa perguntou a Aracy: E seu sucesso com essa voz que sai pelo nariz? Como é que você explica? A resposta foi de imediato:

LOCUTORA: “Cada um canta por onde pode, né, meu filho?”

TÉCNICA – FECHA REGISTRO COM VINHETA SONORA

ENTRA COM OUTRO BG – A MÚSICA TRÊS APITOS INSTRUMENTAL – APÓS 8 SEGUNDOS ABAIXA O BG E ABRE O MICROFONE PARA O LOCUTOR. 0’8”

QUINTO TEXTO

LOCUTOR: ARACY DE ALMEIDA FOI UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO. AMIGA DE ÍCONES CULTURAIS, ELA FOI PINTADA PELO AMIGO ALDEMIR MARTINS E ESCULPIDA PELO ITALIANO BRUNO GIORGIO. ERA ACOMPANHADA NAS NOITES DE BOEMIA POR DI CAVALCANTI, MÁRIO DE ANDRADE E POR VINÍCIUS DE MORAES. TINHA FASCINAÇÃO PELA LITERATURA PSIQUIÁTRICA E MAIS NO FIM DA VIDA, VIVIA LÁ MESMO NO ENCANTADO, ENTRE CACHORROS E RAROS OBJETOS DE ARTE. NUM APANHADO GERAL, PODEMOS DIZER QUE A DAMA DO ENCANTADO QUEBROU REGRAS, DESPREZOU VALORES E SE TORNOU UMA MULHER ADMIRADA PELA MALANDRAGEM E FÃS EM GERAL. ELA CAMINHOU NA CONTRA-MÃO DE UMA SOCIEDADE E INCORPOROU A ALMA DA MÚSICA GENUINAMENTE BRASILEIRA. POR ISSO ARACY DE ALMEIDA FICOU CONHECIDA COMO O SAMBA EM PESSOA. **0’53””**

TÉCNICA – ENTRA A MÚSICA O ORVALHO VEM CAINDO 2’56”

TÉCNICA – REALIZA A TRANSIÇÃO DA MÚSICA “O ORVALHO VEM CAINDO” COM URUBÚ MALANDRO

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE NOEL ROSA – O ORVALHO VEM CAINDO

ENTRA O LOCUTOR IMEDIATAMENTE APÓS DESANÚNCIO

APRESENTAMOS O RADIODOCUMENTÁRIO ARACY DE ALMEIDA: SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS MIL NOVECENTOS E TRINTA E MIL NOVECENTOS E QUARENTA.

LOCUÇÃO – JORGE CHAMBERLAIN, LÁZARO MARTINS E JUSSARA COELHO.

EDIÇÃO – BENÍCIO BATISTA

PRODUÇÃO – VITOR HUGO DE OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO – PROFESSORA DOUTORA RAQUEL DISCINI DE CAMPOS. 0'16''

TÉCNICA

Fade de encerramento

APÊNDICE B – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTÁRIO³⁸

ROTEIRO DE PRODUTO DE PESQUISA – RADIODOCUMENTÁRIO 2

ARACY DE ALMEIDA - SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930
E 1940

REDATOR: VITOR HUGO DE OLIVEIRA

PRODUTOR: ÍDEM

ORIENTADORA: RAQUEL DISCINI DE CAMPOS

LOCUTOR 1: JORGE SEBASTIÃO DA SILVA

LOCUTOR 2 (DOS REGISTROS ARACYANOS): LÁZARO MARTINS

LOCUTORA: JUSSARA COELHO

OPERADOR DE ÁUDIO – BENÍCIO BATISTA

DATA: 10.10.2018

MATÉRIA: PROGRAMA EDUCATIVO: ARACY DE ALMEIDA

GÊNERO: RADIODOCUMENTÁRIO

TEMPO: 25 MINUTOS

HORÁRIO DE VEICULAÇÃO: NÃO DETERMINADO

TÍTULO: ARACY DE ALMEIDA – SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940

TÉCNICA – ENTRA O CHORO FLAMENGO DE BONFIGLIO DE OLIVEIRA (versão DE 1914). UTILIZAREMOS COMO ABERTURA, BG PARA PRIMEIRO TEXTO E ENCERRAMENTO DO RADIODOCUMENTÁRIO. 0.20”

TECNICA – FADE PARA BG E ENTRA O LOCUTOR

LOCUTOR: APRESENTAMOS, O PRODUTO DE PESQUISA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFU – O RADIODOCUMENTÁRIO... ARACY DE ALMEIDA – SAMBA E MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940 - SEGUNDO PROGRAMA - SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DOUTORA RAQUEL DISCINI DE CAMPOS 0’25”

³⁸ Adaptado de Prado (1989) e São Paulo (2010).

PRIMEIRO TEXTO

No início do século vinte, o Rio de Janeiro vivia sob o impacto da abolição. A população pobre formada por ex-cativos, portugueses e imigrantes das sêcas se reunia na região do cais em busca de trabalho. A cidade procurava uma nova identidade através de uma revolução de valores sócio-culturais. A aura de modernidade envolvia o Rio de Janeiro com os anseios das capitais europeias e do futuro descrito por Júlio Verne. Algumas mulheres se contrapunham ao domínio masculino e podiam ser vistas ao volante de seus carros ou exercendo algum cargo industrial. Neste cenário surge o malandro carioca, com sua ginga, mulheres, seu terno de linho branco e lenço no pescoço. Elegeu o samba como a música do morro e unidos ao carnaval ganharam espaço na alma carioca. (0',54")

TÉCNICA – MÚSICA – O X DO PROBLEMA 3'25"

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE NOEL ROSA, NA VOZ DE ARACY DE ALMEIDA, O SAMBA "O X DO PROBLEMA" 0'10"

TÉCNICA – ENTRA COM BG – ATRAENTE - CHIQUINHA GONZAGA

SEGUNDO TEXTO

A PARTIR DA ENTRADA PARA O RÁDIO E DE SUAS ANDANÇAS COM NOEL ROSA, ARACY DE ALMEIDA PASSOU A CONVIVER COM A CLASSE ARTÍSTICA CARIOCA QUE, MUITAS VEZES SE CONFUNDIA COM A MALANDRAGEM, POIS TINHAM EM COMUM ENTRE OUTRAS COISAS, O AMBIENTE DA BOEMIA. ARACY, APESAR DO GÊNIO FORTE ERA UMA BOA AMIGA. ASSIM, CONHECEU NA TRILHA DA MALANDRAGEM O COMPOSITOR WILSON BATISTA, BOM DE BRIGA, VENDEDOR DE SAMBAS, FREQUENTADOR DO MANGUE, DA PRAÇA TIRADENTES E DOS CABARÉS E CASSINOS DA LAPA. WILSON, POR ALGUMAS VEZES SE VIU ENVOLVIDO EM POLÊMICAS MUSICAIS COM NOEL ROSA. POIS ARACY GRAVOU DE SUA AUTORIA COM HAROLDO LÔBO A

MÚSICA MUNDO ÀS AVESSAS, QUE REFUTAVA A FRAGILIDADE DA MULHER EM 1944.

TÉCNICA – MÚSICA – MUNDO ÀS AVESSAS 3’03”
O FIM DA MÚSICA É MIXADO COM UMA VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

Aracy de Almeida e o diagnóstico do malandro.

LOCUTORA:“O malandro... o nome já tá dizendo: ele é mais malandro do que o cafajeste. Porque o cafajeste, é o seguinte, é uma pessoa que, por exemplo, vai numa festa, não se comporta bem, deixa cair as coisas, bebe e faz sujeira. Já o malandro não, ele fica só observando e tira de letra, entendeu? O malandro é mais fino do que o cafajeste.

(Aracy de Almeida - Não tem tradução - Eduardo Logullo, pag 81)

TÉCNICA – FIM DO REGISTRO COM VINHETA SONORA

TÉCNICA DIRETO COM O DEPOIMENTO ABAIXO

– OFF – (ENTREVISTA TV CULTURA) – PROGRAMA MEMORIA TVE – ARACY SOBRE A AMIZADE COM DI CAVALCANTI – A PARTIR DE 34’57” – 0’39”

TRANSIÇÃO DO OFF PARA A MÚSICA TENHA PENA DE MIM

TÉCNICA – MÚSICA – TENHA PENA DE MIM 3’19

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS DE AUTORIA DE BABAÚ E CIRO DE SOUZA, TENHA PENA DE MIM.
0’5”

TÉCNICA – RAPIDAMENTE VOLTA BG ATRAENTE - CHIQUINHA GONZAGA”

TERCEIRO TEXTO

ARACY DE ALMEIDA, A DAMA DO ENCANTADO, ENFRENTOU TEMPOS DIFÍCEIS A PARTIR DO ESTILO DE VIDA QUE ADOTOU. O DOMÍNIO MASCULINO ERA AMPLO E CONTAVA COM O APOIO DE LEIS E AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS. ERA MULHER, CANTORA E COMO ELA MESMA DIZIA, TINHA OS BOFES AZEDOS. OS ARTISTAS NÃO ERAM BEM VISTOS E, SENDO MULHER, SEMPRE ACOMPANHADA POR HOMENS E ANDANDO POR ONDE ANDAVA, PIORAVA A PERSPECTIVA. APÓS A MORTE DE NOEL ROSA, ARACY COMEÇOU A SE RELACIONAR COM INTELECTUAIS: CRONISTAS, ATORES, ARTISTAS PLÁSTICOS, ESCRITORES E POETAS. NO FIM DA DÉCADA DE QUARENTA VIROU ATRAÇÃO PARA O PÚBLICO RICO QUE FREQUENTAVA A BOITE VOGUE, NA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO. FOI LÁ QUE ARACY DE ALMEIDA E LINDA BATISTA SE ENFRENTARAM NO TAPA,, PROTAGONIZANDO UMA CONFUSÃO ANTOLÓGICA, COMO DESCREVIA, NA ÉPOCA, A REVISTA DO RÁDIO.

TÉCNICA – MÚSICA – ÚLTIMO DESEJO 3'17

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS NA VOZ DE ARACY DE ALMEIDA – A MÚSICA DE NOEL ROSA, ÚLTIMO DESEJO 0'5”

TÉCNICA – COLA A VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

Sobre as lembranças da boemia, Aracy de Almeida assim se pronunciou para o jornal O Globo.

L O C U T O R A: Agora que estou velha, da Vila Isabel guardo as melhores recordações da juventude... naquela época, boêmio e cantor era a mesma coisa que mendigo e marginal. Se sobrevivi àqueles tempos, o futuro eu tiro de letra.

(Caderno de Bairro - Tijuca do jornal O Globo, Rio de Janeiro 03.05.1988) - Aracy de Almeida - Não tem tradução - Eduardo Logullo, pag 85.

TÉCNICA – TERMINA REGISTRO COM VINHETA SONORA

TÉCNICA –MIXAR COM DEPOIMENTO AO PROGRAMA MEMÓRIA TVE A PARTIR DO 45'19" A 45'39"

TÉCNICA – MÚSICA – NÃO ME DIGA ADEUS 2'59"

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS COM ARACY DE ALMEIDA, A MÚSICA: NÃO ME DIGA ADEUS 0'5"

TÉCNICA – ENTRA BG ATRAENTE - CHIQUINHA GONZAGA 0'5"

QUARTO TEXTO

ARACY DE ALMEIDA VIVEU AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO INÍCIO DO SÉCULO VINTE. SE TORNOU ARTISTA E RESISTÊNCIA NUMA ÉPOCA DE QUASE NENHUMA MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DO GÊNERO FEMININO. ELA ENFRENTOU A FAMÍLIA E UMA SOCIEDADE CONVIVENDO COM A MALANDRAGEM E DEPOIS COM A CLASSE ARTÍSTICA CARIOCA, CANTANDO EM BOITES E BOTEQUINS, SENDO AO MESMO TEMPO ADMIRADA POR GRANDE PARTE DESTES ARTISTAS. ASSIM, ARACY DE ALMEIDA SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA UM DOS CLÁSSICOS DE CAETANO VELOSO, MÚSICA ONDE O COMPOSITOR BAIANO, QUESTIONA O DRAMA EXISTENCIAL DE UMA CANTORA QUE PERDE O COMPOSITOR DE SUAS INTERPRETAÇÕES. CAETANO RETRATA MUSICALMENTE A MORTE DE NOEL E OS DILEMAS DE SUA AUSÊNCIA NA CARREIRA DE ARACY DE ALMEIDA. OUVIREMOS, NA VOZ DA PRÓPRIA ARACY, A VOZ DO MORTO.

TÉCNICA - MÚSICA - A VOZ DO MORTO 2',14"

TÉCNICA – ENTRA COM VINHETA SONORA

LOCUTOR: REGISTROS ARACYANOS

O telefone toca e do outro lado do fio, um empresário a convida para receber uma homenagem, onde ela deveria cantar, inclusive.

LOCUTORA: Homenagem me dá muito trabalho, meu filho. Eu ando cansada. Imagine só: eu passei a manhã inteira cuidando do jardim, tive de tirar tanta terra de lá para cá e você me vem com essa de homenagem...Hein, e quanto vocês me pagam pra cantar?

LOCUTOR: E após a resposta...

LOCUTORA: - O que? Olha aqui, meu filho, quem canta de graça é gallo!

ENTRA COM OUTRO BG – A MÚSICA ÚLTIMO DESEJO INSTRUMENTAL – APÓS 8 SEGUNDOS ABAIXA O BG E ABRE O MICROFONE PARA O LOCUTOR. 0'8”

QUINTO TEXTO

UMA SÉRIE DE FATORES CONTRIBUÍRAM PARA QUE OS ARTISTAS DO RÁDIO NÃO CONSEGUISSEM A TRANSIÇÃO PARA A TELEVISÃO OU, PELO MENOS, QUE NÃO CONSEGUISSEM REEDITAR O SUCESSO DE OUTRORA. ARACY DE ALMEIDA FOI PARA A TV COMO JURADA E TORNOU-SE MUITO POPULAR PARA ESTE NOVO PÚBLICO. PASSOU POR VÁRIOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO E POR FIM, PELO DERRADEIRO, O PROGRAMA SÍLVIO SANTOS. A IMAGEM CARICATA QUE PASSOU A REPRESENTAR NUBLOU A HISTÓRIA DA GRANDE CANTORA QUE FORA ANOS ANTES. ARACY REPRESENTOU, COMO POUCAS, OS ANSEIOS DE LIBERDADE DA MULHER DO INÍCIO DO SÉCULO XX NO PAPEL DE CANTORA E DE MALANDRA. ELA FALECEU EM 1988, AOS 74 ANOS TENDO SIDO, ANTES DE TUDO, UMA IMPORTANTE MULHER NA CULTURA DE NOSSO PAÍS.

TÉCNICA - MÚSICA - CONVERSA DE BOTEQUIM 2'34''

**TÉCNICA – REALIZA A TRANSIÇÃO DA MÚSICA “CONVERSA DE BOTEQUIM”
COM ATRAENTE - CHIQUINHA GONZAGA**

LOCUTOR DESANUNCIA

OUVIMOS ARACY DE ALMEIDA – CONVERSA DE BOTEQUIM

ENTRA O LOCUTOR IMEDIATAMENTE APÓS DESANÚNCIO

**APRESENTAMOS O RADIODOCUMENTÁRIO ARACY DE ALMEIDA: SAMBA E
MALANDRAGEM NO BRASIL DOS ANOS 1930 E 1940**

LOCUÇÃO – JORGE CHAMBERLAIN, LÁZARO MARTINS E JUSSARA COELHO.

EDIÇÃO – BENÍCIO BATISTA

PRODUÇÃO – VITOR HUGO DE OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO – PROFESSORA DOUTORA RAQUEL DISCINI DE CAMPOS. **0'16''**

TÉCNICA

Fade de encerramento